

EJ

12 // 2020

Ensino do Jornalismo

**Adaptação das práticas laboratoriais em tempos de Covid-19:
a produção em uma redação convergente de Jornalismo**

Suyanne Tolentino de Souza

**O ensino do Jornalismo cibernético nas bases conceituais
de Juarez Bahia**

Walter Teixeira Lima Junior

**O papel da narrativa long-form num caminho renovado
para o jornalismo**

Inês Mendes

**Os fluxos local-regional em meio ao covid-19 e a experiência
de um telejornal regional**

Cézar Franco dos Santos Martins & Gustavo Teixeira de Faria Pereira

// FICHA TÉCNICA //

Revista *Estudos de Jornalismo*

Número 12 (Dez. 2020)

ISSN: 2182-7044

Site: www.revistaej.sopcom.pt

Contacto: revistaestudosjornalismo@gmail.com

// EDITORES //

Inês Amaral (FLUC e CECS)

Pedro Jerónimo (UBI, LabCom e CECS)

// ORGANIZAÇÃO //

GT Jornalismo e Sociedade da SOPCOM

// NOTA EDITORIAL // Textos, imagens e referências
são da responsabilidade dos autores.

Índice

Introdução

Pedro Jerónimo & Inês Amaral

4

Retratação do artigo “Adaptação das práticas laboratoriais em tempos de Covid-19: a produção em uma redação convergente de Jornalismo”

Suyanne Tolentino de Souza

6

O ensino do Jornalismo cibernético nas bases conceituais de Juarez Bahia

Walter Teixeira Lima Junior

23

O papel da narrativa *long-form* num caminho renovado para o jornalismo

Inês Mendes

38

Os fluxos local-regional em meio ao Covid-19 e a experiência de um telejornal regional

César Franco dos Santos Martins & Gustavo Teixeira de Faria Pereira

52

Introdução

Pedro Jerónimo & Inês Amaral

Editores

Nesta edição, lançamos um olhar para os desafios que se apresentam ao ensino do jornalismo, pré e pós-pandemia. A proposta que fizemos foi a de se pensar como é e como deverá ser a formação dos futuros jornalistas, bem como a de outros atores que intervenham no processo de construção noticiosa. O ensino do jornalismo em contextos nacional e internacional, nomeadamente no contexto Lusófono; processos de formação de jornalistas; o aparecimento de novos atores e a sua formação; a formação de jornalistas enquanto agentes de literacia mediática; roturas e continuidades na formação em jornalismo; e Covid-19 como desafio à formação em jornalismo, eram algumas das sugestões.

Começamos com **“Adaptação das práticas laboratoriais em tempos de Covid-19 – a produção em uma redação convergente de Jornalismo”**, de Suyanne Tolentino de Souza. Trata-se de um estudo de âmbito qualitativo no qual se apresentam as proposições metodológicas de organização do trabalho e os modos de produção que contribuíram para o processo de formação docente e discente durante a pandemia. Nele conclui-se que os professores “passaram a atuar de modo mais horizontal, tanto ao identificar a necessidade de permitir o desenvolvimento de produtos de natureza mais próxima à realidade dos estudantes, como redes sociais; quanto ao compartilhar as ações de supervisão com estudantes, quais sejam as que atuaram como monitoras”.

Em **“O ensino do Jornalismo cibernético nas bases conceituais de Juarez Bahia”**, Walter Teixeira Lima Junior argumenta sobre a existência de uma escola de jornalismo denominada de Cibernética, que possui bases para uma mudança estrutural no ensino do jornalismo, com sustentação em conhecimentos tecnológicos que estruturam o fazer jornalístico, evitando a possibilidade de ser relativizado a tal ponto de desaparecer da zona de atenção da sociedade.

Segue-se **“O papel da narrativa *long-form* num caminho renovado para o jornalismo”**, de Inês Mendes, que procura discutir o conceito da narrativa *long-form* e perceber que tipo de ligação se estabelece com o *slow journalism*. Conclui-se que “a narrativa tem assumido um papel já relevante no panorama atual, considerando já as potencialidades do online enquanto plataforma para desenvolver este género de trabalhos”, no entanto, “parece-nos haver um caminho ainda algo extenso a percorrer para que a narrativa chegue à ‘popularidade’ que já teve noutros períodos – nomeadamente as décadas de 60 e 70 do século passado”.

Por fim, **“Os fluxos local-regional em meio ao covid-19 e a experiência do MGTV 1ª edição”**, de César Franco dos Santos Martins & Gustavo Teixeira de Faria Pereira, apresenta um estudo centrado na região brasileira de Minas Gerais. Da análise, os autores concluem que “ o telejornal perdeu em partes sua perspectiva de construção de laços sociais e de proximidade para com o seu público, já que a mudança do âmbito local para o regional reduziu a cobertura de narrativas cotidianas presentes em cada uma dessas regiões, dando lugar a conteúdos mais gerais e que abarcassem a uma camada maior da população mineira, mas com uma menor capacidade de afetação e de gerar identificação e representação do telespectador que antes tinha nos telejornais locais seu principal veículo de comunicação para se informar sobre o que de maior importante estava ocorrendo próximo à sua realidade”.

Antes de nos despedirmos de 2020, não podemos deixar de desejar que 2021 represente uma vida renovada, cheia de esperança e saúde, realizações pessoais e profissionais.

Retractação do artigo “Adaptação das práticas laboratoriais em tempos de Covid-19: a produção em uma redação convergente de Jornalismo”

Suyanne Tolentino de Souza

Pontifícia Universidade Católica do Paraná
suyanne.souza@pucpr.br

Na presente edição da Estudos de Jornalismo (n.º 12), publicada a 30 de Dezembro de 2020, surgia o artigo “Adaptação das práticas laboratoriais em tempos de Covid-19: a produção em uma redação convergente de Jornalismo”, nas páginas 6 a 22, submetido por Suyanne Tolentino de Souza. A seu pedido, é hoje retirado.

O artigo foi submetido à nossa revista a 22 de Novembro de 2020, tendo sido comunicada a edição editorial a 10 de Dezembro de 2020, que solicitava um conjunto de melhorias. A 17 de Dezembro de 2020 é submetida à Estudos de Jornalismo uma versão revista e final.

A 11 de Janeiro de 2021, somos contactados, por email, com o pedido de inclusão de mais dois autores, que por lapso não teriam ido aquando da submissão. A 15 de Janeiro de 2021 a autora solicita que, caso não seja possível incluir novos autores, o artigo seja retirado.

Assim, considerando que estamos perante uma alteração de fundo e que não configura revisão ortográfica ou de detalhes formais, procede-se à retirada do artigo.

Por fim, relativamente à edição actualizada, manteremos a numeração considerada na versão original, ou seja, a próxima página será a 23.

SOPCOM, 21 de Janeiro de 2021

Os editores,
Inês Amaral
Pedro Jerónimo

O ensino do Jornalismo cibernético nas bases conceituais de Juarez Bahia

Walter Teixeira Lima Junior
Universidade Federal de São Paulo
walter.lima@unifesp.br

Resumo

O jornalismo moderno brasileiro enfrenta uma crise de credibilidade perante a sociedade. Na atualidade, em função da produção de notícias com elementos de *infoentretenimento* e a prática jornalística sendo executada como ativismo social, o jornalismo não está obtendo força para estabelecer novos espaços de relevância social na sua relação com a audiência, na atual disputa na economia da atenção. O artigo analisa o ensino do jornalismo, no Brasil, em face as dificuldades enfrentadas, revisitando a corrente de ensino de jornalismo impetrada pelo brasileiro Juarez Bahia, que na metade do século XX, percebeu que a utilização da tecnologia como forma de potencializar o trabalho do jornalista e que a mesma deveria ser considerada no ensino do Jornalismo. Juarez Bahia sofreu grande influência da corrente tecnológica cibernética, advinda do grupo liderado por Nobert Wiener, e também de Marshall McLuhan. Desta perspectiva, o artigo argumenta sobre a existência de uma escola de jornalismo denominada de Cibernética, que possui bases para uma mudança estrutural no ensino do jornalismo, com sustentação em conhecimentos tecnológicos que estruturem o fazer jornalístico, evitando a possibilidade de ser relativizado a tal ponto de desaparecer da zona de atenção da sociedade.

Palavras-chave: Jornalismo, Ensino, Cibernético, Juarez Bahia.

The teaching of cyber journalism on the conceptual bases of Juarez Bahia

Abstract

Brazilian modern journalism has suffered a credibility crisis in society. Nowadays, it occurs due to news production with elements of infotainment and the practice of journalism that is accomplished as social activism. Journalism is not getting forced to establish new places of social relevance in its relationship to the audience, the face of the attention economy. The paper analyses the Journalism teaching in Brazil, in the face the difficulties faced, revisiting the journalism-teaching stream built to Juarez Bahia, in the half of twenty century, that realized use of technology as a way to potentialize the journalist work and it was implemented in the journalism teaching in some colleges in Brazil. Juarez Bahia suffered a significant influence from the cybernetic philosophical stream on leadership from Nobert Wiener and Marshal McLuhan. From this perspective, the paper argues about the existence of a Journalism School. This work is denominated of Cybernetic and has a conceptual base to do a structural change in the journalism teaching. It has a concept that considers the technology also as a journalistic structure. Thus, this line could avoid the possibility the journalism disappear from the zone of attention of society.

Keywords: Journalism, Teaching, Cybernetic, Juarez Bahia.

Introdução

No Brasil, a discussão sobre o ensino e a prática profissional do Jornalismo suscita debates em todas as esferas, sejam as discussões estabelecidas na academia, nas redações e/ou nas redes sociais. As visões conflitantes de como devem ser os direcionamentos acadêmicos e profissionais, na área do Jornalismo, se acirram e não convergem. Assim, é premente se entender quais são os reais motivos envolvidos nessa falta de concordância, a qual prejudica o avanço e a adaptação do ensino e da prática jornalística no objetivo de estabelecer novos caminhos para reobter a necessária credibilidade, desse tipo de representação da realidade, junto à sociedade. Um dos fatores é a compreensão sobre a evolução das tecnologias digitais conectadas e do barateamento dela para o consumidor final, favorecendo a criação de imenso ecossistema informativo, o qual ganha musculatura e se difunde em todos segmentos da sociedade.

Nesse contexto, este trabalho discute a hipótese sobre o ensino do jornalismo não ter conseguido descolar-se das influências oriundas da sua prática, pois foi implementada e consolidada em plataformas tecnológicas analógicas (jornal/revista) e eletrônicas (rádio/televisão). Durante muitas décadas, essas plataformas foram os suportes que abarcaram esse tipo de conteúdo de relevância social (Jornalismo), produzido por intermédio das técnicas jornalísticas, consolidando e consagrando modelos e formatos jornalísticos utilizados até hoje. Para arquitetar o cenário que interliga os pensamentos e as práticas jornalísticas de Juarez Bahia e as tecnologias digitais conectadas originadas dos conceitos cibernéticos, o artigo utiliza o método de revisão bibliográfica, valendo-se de fontes constituídas por material já produzido, e documental, além de dados complementares, para produção reflexiva e interpretativa consistente sobre as conexões entre o ensino do jornalismo e essas tecnologias.

Considerando a hipótese levantada, o artigo ressalta a importância da adoção mais intensa do uso das tecnologias digitais conectadas, com a expansão exponencial do uso das redes sociais por todas as camadas econômicas da sociedade, via dispositivo móvel (smartphone). Esse fator é um dos principais vetores que proporcionou o descolamento entre o período de consolidação de credibilidade do Jornalismo, obtida com o uso de tecnologias analógicas e eletrônicas, que serviram de suporte do conteúdo jornalístico. Assim, ocorreu atraso na percepção, por grande parte dos estudiosos e profissionais na área do jornalismo, sobre as modificações que aconteceriam em função do desenvolvimento das tecnologias digitais conectadas. Esse retardo na percepção, permitiu o crescimento e consolidação, por exemplo, das correntes que advogam a necessidade de produzir *infoentretenimento* para se obter audiência e a transformação das técnicas jornalísticas como ferramental para o ativismo social.

Jornalismo embasado no relacionamento com a informação

Este artigo argumenta que existiu no Brasil uma “Escola de Jornalismo”, composta por elementos essenciais que compõem uma doutrina do ensino do Jornalismo. Ou seja, uma vertente, uma visão de como o jornalismo deveria ser ensinado e praticado. Essa “escola” não tem data de fundação definida, mas foi estruturada e se desenvolveu entre os anos 60 e 80, do século passado, chegando aos anos 90 à sua maturidade. Enfrentou o longo período da Ditadura Militar brasileira (1964 a 1984), mas não resistiu a pós-abertura democrática, devido ao aumento da difusão e influência da Teoria Crítica, da Escola de Frankfurt, nas faculdades brasileiras de Jornalismo.

Entretanto, o ápice dessa ascensão acontece no mesmo período do surgimento e da popularização da Web no país, a qual tornou-se realidade a partir da segunda metade dos anos 90. Portanto, a liberdade democrática inicial, com toda a efusão compreensivelmente nela contida, foi um dos combustíveis para o realinhamento dos eixos teóricos comunicacionais com os ditames estabelecidos pela Escola de Frankfurt.

O vácuo perceptivo durou da metade dos anos 90 até, aproximadamente, o início dos anos 2010, quando acontece o surgimento das tecnologias de redes sociais e o início do crescimento exponencial da sua utilização pela sociedade. No Brasil, esse distanciamento fica mais evidente a partir de 2013, quando eclodiu a manifestação popular conhecida como “as Jornadas de Junho”. Esses eventos “foram acontecimentos de cunho social, com reivindicações que inicialmente se pautaram na insatisfação perante o aumento da passagem de ônibus em diversas cidades” (Fontenetto & Cavalcanti, 2016, p. 352). Essas gigantescas manifestações foram articuladas pela Internet e levaram milhões de brasileiros às ruas em protesto. A partir desse momento histórico, muitos acadêmicos de ambas correntes de pensamento voltaram as suas atenções para o fenômeno comunicacional advindo das redes telemáticas.

Desconexão, credibilidade e relevância

Além da negação pura e simples dos temas relacionados com essas tecnologias, foram criadas disciplinas as nomenclaturas de Tecnologias Digitais ou Jornalismo Digital, inseridas nas grades do ensino de jornalismo como se fossem disciplinas na área de jornalismo especializado, com o objetivo de incluir o tema, mas sem a devida profundidade e carga horária necessárias para o entendimento contexto tecnológico emergente.

A falta de compreensão, sobre o imenso impacto que as tecnologias digitais conectadas estavam produzindo no fazer jornalístico, acarretou a formação de profissionais não preparados para perceber as aberturas de frentes e de possibilidades ocasionadas pela

Internet e seus dispositivos agregados, os quais viriam surgir depois, como os telefones móveis (smartphones).

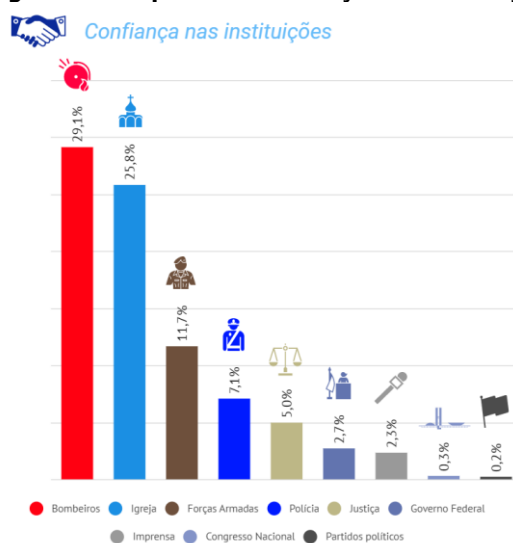
A percepção mais aguçada, da premência de atuar para modificar esse cenário do ensino do jornalismo, já tinha sido estabelecida por um dos maiores pesquisadores mundiais na área do jornalismo, o brasileiro José Marques de Melo (1943 – 2018). Em função da velocidade das transformações tecnológicas, o pesquisador acreditava que o ensino do jornalismo deveria ser reinventado para sair da crise de relevância que se encontra, pois o “modelo vigente já não atende às aspirações nacionais nesta conjuntura de acelerada mutação tecnológica e de transformações velozes na vida cotidiana, engendrando novos processos de produção e difusão jornalística. (Melo et al., 2015, p. 16).

Esse modelo vigente, mencionado e contestado por Melo, é um modelo reestruturado no Brasil a partir dos anos 2000, o qual começa a incorporar as outras vertentes de pensamento e de fazer jornalístico: o jornalismo como forma de espetacularização da notícia e o jornalismo como ferramenta para ativismo social e político.

Patias define o *infoentretenimento* como “uma mistura de informação e entretenimento que produz espetáculo” (2006, p. 92). Esse espetáculo buscado pelo jornalismo na atualidade, não corrobora com a prática do jornalismo profissional que se estabeleceu historicamente com procedimentos técnicos que limitam à tomada de posição e espetacularização da notícia, buscando o equilíbrio e a neutralidade como bem maior, com o objetivo utópico de demonstrar a “verdade” do fato apurado.

Essa visão histórica também foi ultrapassada pela tendência que está se consolidando, o jornalismo como ativismo. Segundo a pesquisadora Kamila Bossato Fernandes (2019), as intensas e recentes transformações no ambiente midiático têm feito com que nos deparemos cada vez mais com práticas jornalísticas que assumem a defesa de certas causas sociais, possibilitando um engajamento político declarado.

No mesmo momento que ocorre a introdução do *infoentretenimento* como forma de noticiar e o uso das técnicas jornalísticas como ferramenta para a produção de conteúdo engajado, o jornalismo tem a sua credibilidade questionada pela sociedade. Em pesquisa de opinião encomendada pela Confederação Nacional do Transporte (Brasil), produzida de 15 a 18 de janeiro de 2020, foram realizadas 2.002 entrevistas presenciais, em 137 municípios de 25 Unidades da Federação, sendo a margem de erro é de 2,2 pontos percentuais. Nela, os Bombeiros são a instituição ou corporação em que os entrevistados mais confiam (29,1%). Seguidos de: Igreja (25,8%), Forças Armadas (11,7%), Polícia (7,1%), Justiça (5,0%), Governo Federal (2,7%), Imprensa (2,3%), Congresso Nacional (0,3%), partidos políticos (0,2%).

Figura 1: Pesquisa de confiança nas instituições

Fonte: Confederação Nacional do Transporte¹

A pesquisa revela que a confiança na instituição Imprensa é baixa no Brasil, percepção embasada no detalhamento, na mesma pesquisa, sobre o grau de confiança na Instituição Imprensa. Em relação a confiança na imprensa, 40,7% dos entrevistados afirmam confiar poucas vezes na imprensa, 38,9%, na maior parte das vezes, 11,7% não confiam nunca e 7,6% confiam sempre.

Com a sociedade desconfiando da atuação do jornalismo profissional, sinalizasse que para aumentar o índice de credibilidade seria necessário que os conteúdos produzidos, por intermédio das técnicas jornalísticas, sejam percebidos como relevante socialmente pela sociedade. Portanto, atingindo a zona de atenção da audiência, a qual é bastante disputada pelo impacto diário de diversas informações que chegam a ela por intermédio de inúmeros dispositivos midiáticos conectados à internet.

Portanto, recuperar a relevância informativa é um dos principais objetivos do jornalismo contemporâneo. Para Saracevic, a relevância é uma relação e ela é inferida (2007). Assim, no Jornalismo, a relação da audiência jornalística é com a informação. E a informação fornecida em um contexto, dentro de um processo de seleção. O Jornalismo necessita da relevância na esfera da economia da atenção, a qual é obtida na relação da audiência com a informação, com o objetivo de estabelecer a construção e manutenção da credibilidade. Ou seja, precisa atingir um grau de atenção na sociedade, que infere relevância para depois auferir a credibilidade, permitindo que essa relação seja estabelecida de forma intencional, da audiência para a fonte.

Neste ponto, um fator fundamental para que essa relação fosse mantida nas décadas entre 60 e 90, do século passado, foi a obtenção da credibilidade jornalística advinda da

¹ Disponível em <<https://www.cnt.org.br/agencia-cnt/cnt-divulga-pesquisa-opiniao-2020>> Acesso em 22 de outubro de 2020.

relação que se estabeleceu com a audiência, a qual possibilitou aferir bons índices de confiança, mantendo o Jornalismo como uma forma credível de representação da realidade, vide a o crescimento das tiragens dos jornais impressos, nos anos 90, que cresceram 69%.²

A credibilidade jornalística pode ser entendida por três vetores: credibilidade da fonte; credibilidade de mensagem; credibilidade da mídia (veículos) (Metzger, Flanagin, Eyal, Lemus, & Mccann, 2003, p. 296). A credibilidade da fonte negocia com a influência interpessoal, enquanto a credibilidade da mensagem focaliza nas características que a compõe, podendo fazê-la mais ou menos credível. Já a credibilidade da mídia se baseia na "determinação da credibilidade relativa de formas particulares de comunicação (por exemplo, jornais versus televisão" (Metzger, Flanagin, Eyal, Lemus, & Mccann, 2003, p. 296). Entretanto, como visto acima, existe a comparação entre a credibilidade da mídia em relação a outras importantes instituições da sociedade. Todas essas percepções de credibilidade se relacionam e fornecem ao jornalismo níveis de relevância perante a sua audiência e, por consequência, a sociedade.

Wiener, cibernética e comunicação

Algumas práticas de ensino e práticas jornalísticas, neste texto denominado de Jornalismo Cibernético, tiveram influência como base as teorias sobre Informação e Comunicação, principalmente, oriundas do movimento cibernético. Essa corrente de filosofia da tecnologia possui como focalização o tratamento da informação. Foi influenciada pelas teorias sobre Informação e Comunicação contidas nas descobertas do matemático Claude Shannon e nos conceitos desenvolvidos por Nobert Wiener. Em 1950, Wiener lança o livro "Cibernética e sociedade: o uso humano de seres humanos", dois anos depois da publicação do artigo científico seminal Claude Shannon, intitulado A Mathematical Theory of Communication (1948). Esses dois momentos inspiraram muitas áreas do conhecimento humano e, também, tiveram impacto em teorias e práticas na Comunicação Social. O artigo de Shannon, que influenciou todas gerações dos cibernéticos, trata sobre qual é a melhor forma para codificar a informação que um emissor desejava transmitir para um receptor. Shannon também influenciou alguns teóricos da Comunicação Social, principalmente, o sociólogo Wilbur Schramm, que criou o seu modelo de comunicação denominado a "Tuba de Schramm". No Brasil, nas década de 60 e 70, as emergentes faculdades de comunicação tinham seus interesses em entender e ensinar os estudos processuais, com base "principalmente a famosa "Tuba de Schramm", que aplica o modelo informacional de Shannon ao campo da comunicação humana" (Melo, 2007, p. 17).

No capítulo "Algumas máquinas de comunicação e seu futuro", do livro "Cibernética e sociedade: o uso humano de seres humanos", Wiener aplica os conceitos de informação de

² Jornais do país crescem 69% nos anos 90. Folha de São Paulo. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1506200017.htm>> Acessado em 15 de dezembro de 2020.

Shannon para apresentar como funciona o processo de linguagem humana, “podemos, grosso modo, distinguir três estágios de linguagem, e duas traduções intermediárias, entre o mundo exterior e o recebimento subjetivo de informação” (Wiener, 1968, p. 166). Essa conexão interdisciplinar, criando a transdisciplinariedade, é uma visão que transcendeu as divisões disciplinares impostas pela Ciência oriunda dos ditames do Círculo de Viena.

No que tange à Comunicação Social, Wiener cita “mensagem” e como essa comunicação é realizada. O cientista afirma que “quando me comunico com outra pessoa, transmito-lhe uma mensagem, e quando ela, por sua vez, se comunica comigo, replica com uma mensagem conexa, que contém” (Wiener, 1968, p.166). E, partindo dessa premissa, como cibernético, Wiener conecta a comunicação, por intermédio das mensagens, às possibilidades comunicacionais entre ser humano e máquina computacional. Mas, a visão de Wiener não se limita ao indivíduo, nesse processo, ele vislumbra a sua utilização pela sociedade, que viria acontecer com um impacto nunca imaginado, mencionando que “no futuro desenvolvimento dessas mensagens e facilidades de comunicação, as mensagens entre o homem e as máquinas, entre as máquinas e o homem, e entre a máquina e a máquina, estão destinadas a desempenhar papel cada vez mais importante” (Wiener, 1968, p. 16).

Entretanto, apesar das previsões de Nobeert Wiener, na área do Jornalismo houve um hiato para o entendimento da importância do advento da introdução das máquinas computacionais e, depois, das redes telemáticas, como auxiliares no processo de produção do Jornalismo. Nos EUA, um dos profissionais que compreendeu a mudança foi Philip Meyer. Ele trabalhava para o jornal impresso Detroit Free Press e realizou a cobertura das manifestações quando foi designado para narrar esse episódio, “a fim de oferecer uma narrativa detalhada sobre as áreas do motim, Meyer propôs uma pesquisa científica para identificar as alegações dos manifestantes. Incluiu trabalho com hipóteses e uso de computador para testes estatísticos da amostra” (Gehrke & Mielniczuk, 2017, p. 5). Esse trabalho foi do Prêmio Pulitzer de Reportagem Local Geral, em 1968.

Philip Meyer, com ensinamentos de computação aprendidos com colegas da Universidade de Miami, tornou-se um dos precursores do denominado, então, Computer-Assisted Reporting (CAR), reportagens assistidas por computador. Nos dias atuais, toma força a nomenclatura Jornalismo de dados (datajournalism). Entretanto, os princípios que guiaram Meyer são os mesmos que estão orientando, na atualidade, os jovens jornalistas no exercício da garimpagem de dados, relacionando-os e correlacionando-os, com o propósito de oferecer conteúdo informativo de relevância social.

No Brasil, Juarez Bahia é influenciado e influenciará

Em 1971, o jornalista e professor universitário brasileiro Juarez Bahia (1930 – 1998) (Mendes Júnior, [s.d.]) lança o livro *Jornalismo, Informação e Comunicação* (Bahia, 1971). Fortemente

influenciado pelo desenvolvimento tecnológico na área da mídia, o qual estava ocorrendo nos Estados Unidos, na década de 60. Bahia, também, foi impactado pelos escritos de Norbert Wiener, fundador da corrente tecnológica denominada Cibernética.

A influência das teorias cibernéticas pode ser percebida na publicação de Juarez Bahia, *Jornalismo, Comunicação e Informação* (Bahia, 1971). Nela, o pesquisador cita o Projeto Saci, no Brasil, elaborado para viabilizar a transmissão de programas educacionais com “emprego de satélites, para a educação de massa” e “uma perspectiva para o jornal impresso, estimada para o futuro próximo, é o largo uso de computadores” (Bahia, 1971, p. 84). Satélites e computadores são, na atualidade, a base tecnológica do que conhecemos por sociedade digital interconectada. Ao contextualizar com esses exemplos, Bahia demonstra que a sua preocupação com a tecnologia não era somente para a melhora do trabalho jornalístico, mas que elas modificariam o modo do trabalho jornalístico.

Bahia acreditava que a informação era vital para o homem e que a raiz do seu processo estava na linguagem. Para entender esse processo, a interdisciplinaridade foi um dos componentes da linha adotada por Juarez Bahia, que trabalhou como tipógrafo no Diário de Santos e depois como jornalista premiado na A Tribuna, jornal centenário da cidade de Santos. Portanto conhecedor do fazer, via tecnologia da prensa, e do pensar sobre o conteúdo jornalístico, Bahia já tinha percebido que a evocação dos veículos ditos de massa não era sinônimo de informação, portanto, “é insuficiente para explicar a informação em si. (Bahia, 1971, p. 13)

Na concepção de informação, entendida por Bahia, a mente era o lugar para se compreender como acontece a “motivação retórica”, alinhando a questão de natureza cognitiva com a emocional (Bahia, 1971, p. 12). As conexões envolvidas entre as áreas do jornalismo, das tecnologias e, também, das questões que envolvem os processos cognitivos e emocionais, demonstram uma visão interdisciplinar do ensino e do fazer jornalístico.

Tecnologia como plataforma na produção e distribuição da informação

Publicado no início, dos anos 70, o livro já previa que a “comunicação coletiva” alcançaria um patamar de *overload information* (excesso de informação), momento no qual a sociedade contemporânea está vivendo, devido à gigantesca produção e disseminação da informação realizadas por bilhões de usuários de máquinas computacionais conectadas por intermédio de redes telemáticas. Nesse ponto, Juarez Bahia, já antevia que as tecnologias advindas do uso do computador trariam um impacto coletivo da informação e que muitos ficaram “indefesos” perante o volume informativo massivamente divulgado, pois o processo de informação coletiva, via computadores, faria o indivíduo “totalmente indefeso” (Bahia, 1971, p. 14).

Na mesma linha de Philip Meyer, Bahia percebeu que o uso pela Comunicação Social da, então, denominada informática - depois teria a nomenclatura modificada para Computação, seria uma grande ferramenta para produção e disseminação de informações relevantes socialmente. No livro é mencionado um fator importante, que a informação mudou de patamar com o advento do desenvolvimento da máquina computacional, como sendo um "estágio avançado da informação, a informática pode ser explicada como o estudo dos dados, da informação e do conhecimento nos seus múltiplos aspectos teóricos, práticos estáticos e dinâmicos, econômicos e sociais" (Bahia, 1971, p. 16). Bahia avança para uma teorização interdisciplinar sobre a informação sendo tratada por intermédio de operações lógicas binárias, mencionando que é o estudo da própria estrutura do processo da informação. Para ele, são três faixas principais que se apoiam a informática: "comunicação, biologia, organização, num panorama de utilização do instrumental matemático, estatístico, mecânico, eletrônico, ótico, acústico, servomecanismos etc., tendo em vista aplicações práticas de suas investigações e teorias" (Bahia, 1971, p. 16).

Em um determinado ponto da teorização, Juarez Bahia começa a conectar o campo da comunicação social com os conceitos elaborados por Norbert Wiener e pelos cibernéticos nas áreas de controle e comando.

"A sua ampliação, tornando indissociáveis comunicação e organização, visa reduzir as áreas de incerteza e assegurar o hábil processamento da informação das funções de comando e controle, numa equação de sistemas humanos e eletrônicos, mais eletrônicos do que humanos. Mais um universo de equipamentos automáticos do que de criaturas" (Bahia, 1971, p. 16).

Esse contexto vislumbrado de mais "eletrônicos do que humanos", as máquinas computacionais assumiriam o protagonismo que vemos na atualidade. O impacto previsto por Bahia no campo da comunicação era tão grande que atinou para o mesmo contexto previsto por Mashall McLuhan (1964), citando-o na esteira do avanço tecnológico, que "tende a lograr o meio como mensagem, na fórmula de McLuhan. Então a idade eletrônica desvenda o novo mundo audiotáctil e tribalizado. Prática e operacionalmente é o que está acontecendo" (Bahia, 1971, p. 19). Pensando 30 anos à frente, Bahia acredita que a aproximação (tribal), "recompondo a dimensão humana", será um dos componentes impetrados pela evolução tecnológica das máquinas computacionais no campo da comunicação social, mencionando que "talvez a idade pós-industrial do ano 2000 nos reserve uma reversão das expectativas motivadas pela tribalização" (Bahia, 1971, p. 19).

Costurando referências, naquela época com expoentes mais conhecidos fora do Brasil, Bahia estabelece conexão direta da informação noticiosa, tendo base na estrutura da informática, portanto, a conectando com a cibernética de Wiener, "a informação - que é o tratamento humano da notícia, compõe-se com a informática - que é tratamento eletrônico da

informação. A dimensão humana do comunicado conciliando-se com a dimensão cibernética do comunicado” (Bahia, 1971, p. 118).

A cibernética estudo do controle e comunicação no animal e na máquina, tanto faz o suporte que ela opera, como sinal, ela possui elementos de controle e feedback. Bahia percebeu esses atributos, mesmo não sendo oriundo da área de Exatas, e os conectou com o processo comunicacional. Tipo de pensamento muito raro à época, mas que, na atualidade, se configurou (Bahia, 1971, p. 120).

Vinte anos depois, uma outra camada da evolução tecnológica das máquinas computacionais começa a surgir com mais proeminência, os sistemas de Banco de Dados, “uma tecnologia nova e, na medida em que as notícias são estruturais e sistêmicas, alterar uma parte é afetar o todo” (Koch, 1991, p. 63). Corroborando com Bahia e McLuhan, o pesquisador entende que a tecnologia afeta não apenas os meios de produção e a eficiência com que o produto físico é criado, “mas também seu próprio conteúdo” (Koch, 1991, p.xx introduction).

Importância da formação

A formação universitária em jornalismo é um dos pilares para a boa prática do ofício, pois nela, seguindo uma lógica de busca constante da isenção e da conexão com os reais problemas estruturais que afligem a sociedade contemporânea, reside os elementos para a construção da credibilidade dos profissionais do jornalismo e, por consequência, dos veículos que trabalham, significando “que sua formação superior contribui sobremaneira para que realize um trabalho baseado na isenção e na objetividade, duas características intrínsecas ao exercício do Jornalismo, mas muitas vezes criticadas como utópicas. (Zaramella, Gomes & Silva, 2019, p. 3).

Para uns dos maiores estudiosos em jornalismo no Brasil, José Marques de Melo ressalta a importância da prática profissional, como eixo fundamental para aprendizagem do futuro produtor de conteúdo informativo de relevância social. Entretanto, também, reforça a existência de outro eixo composto por ramos do conhecimento humano, também importantes para realizar a amalgama cognitiva necessária para a formação profissional do jornalista. Para Melo e colegas, a “etapa cognitiva articula-se em função de dois eixos: as matérias que fundamentam os processos de codificação e os conteúdos a serem difundidos (humanísticos, comportamentais, gerenciais, tecnológicos etc.)” (Melo et al., 2015, p.15). Também nesse eixo, as “interdisciplinas” possuem a função de explicar os fenômenos comunicacionais (da sociologia da comunicação à filosofia crítica e aos estudos culturais). Entretanto, como defensor da formação para atuação profissional, Melo afirma que o espaço privilegiado da aprendizagem corresponde aos laboratórios didáticos (estúdios, oficinas, estações, agências) (Melo et al., 2015).

Crítico do tecnicismo exacerbado e se contrapondo a vertente da formação do profissional jornalismo com objetivo único de empregar técnicas jornalísticas, Gabriel García Márquez Gabriel, ao justificar a criação de sua Fundación Nuevo Periodismo Iberoamericano (FNPI), afirmou que "a ansiedade de que o jornalismo recupere seu prestígio é percebida em todo lugar. As faculdades de Comunicação são alvo de críticas ácidas, e nem sempre sem razão. Talvez a origem de seu infortúnio seja ensinar muitas coisas úteis para o ofício, mas muito pouco do próprio ofício" (apud Márques, 2011, p. 99).

Entretanto, a sociedade contemporânea avançou enormemente na área das tecnologias digitais conectadas, ultrapassando qualquer prognóstico sobre a Internet e seu desenvolvimento. Isso deve-se, principalmente, pela descentralização fornecida pela Internet, a qual está propiciando o desenvolvimento vertiginoso de pequenas empresas e a criação de nichos de serviços, sendo um deles da informação de relevância social. Essa movimentação tecnológica-econômica, com grande impacto social, é denominada de inovação disruptiva.

A disrupção tem como base o processo pelo qual uma empresa menor com menos recursos é capaz de desafiar com sucesso as empresas estabelecidas (Christensen, Raynor & McDonald, 2015). Com esse conceito, pode-se entender porque grande parte dos tradicionais grupos de mídia estão diminuindo a sua influência na zona de atenção da sociedade, pois não se transformaram em empresas de tecnologia e/ou não conseguem atingir todos os nichos de negócios, não podendo competir com diversas pequenas empresas, pois elas visam "com sucesso os segmentos negligenciados, ganhando uma posição ao entregar funcionalidades mais adequadas - frequentemente a um preço mais baixo" (Christensen, Raynor & McDonald, 2015, p.4).

Assim, Marques de Melo orienta que o ensino do jornalismo deve "preparar os profissionais para atuar num contexto de mutação tecnológica constante no qual, além de dominar as técnicas e as ferramentas contemporâneas" (Melo et al., 2015, p. 76).

Já o estudo denominado "Habilidades tecnológicas e ensino superior em Jornalismo no Brasil: observação das exigências contemporâneas e seu contraste com as grades curriculares" (Lima Junior & Oliveira, 2015), os autores André Rosa e Walter Lima apontam na conclusão que, a partir das informações coletadas das grades curriculares de 39 cursos de jornalismo, considerados os melhores do país, demonstram o esforço para se adaptar às demandas profissionais e informativas da sociedade contemporânea. Contudo, ressaltam que a introdução de conhecimento e práticas profissionais para a atuação no novo ecossistema comunicacional deva passar pela inserção das tecnologias de modo interdisciplinar (Lima Junior & Oliveira, 2015). E alertam, "do contrário, ao não estimular o pensamento e a apropriação das tecnologias de maneira mais aprofundada, diante dos efeitos destas transformações, há um risco deste profissional se distanciar do espaço de importância e referência social" (Lima Junior & Oliveira, 2015, p. 19).

O pesquisador Eduardo Meditish (2015) menciona a importância de conteúdos que se apliquem à compreensão do Jornalismo, como que ele denomina de instrumentais e “que nem sempre estão presentes nos currículos de Comunicação, como a epistemologia, as ciências cognitivas, da linguagem e do discurso, a semiótica, as ciências da informação, que evoluíram muito com a revolução tecnológica e pouco tem a ver com a velha biblioteconomia, a retórica e a argumentação, a estatística aplicada, e assim por diante” (Melo et al., 2015, p. 87).

Considerações finais

A comunicação moderna surge com forte influência da Revolução Industrial, “no século XIX, se adaptando a uma nova organização de produção conhecida como fábrica, portanto, gradualmente foi substituindo o trabalho artesanal” (Manovich, 2002, p. 139). A base para esse modelo de produção foi elaborada no ambiente de escassez da informação, ou seja, “o mecanismo de distribuição de conteúdo é embasado na sistemática de ser elaborado por um emissor e distribuído para muitos receptores (audiência), de modo que, na última milha (consumidor final), o receptor paga para ter acesso ao conteúdo, como se fosse uma mercadoria produzida em uma fábrica” (Lima Junior, 2019, p.137).

Assim, jornalismo sofreu e sobre fortes influências no seu processo de produção sendo que a “sua tecnologia inspirada nas concepções econômicas da Revolução Industrial, o mercado de mídia analógica baseia-se na escassez de informações comercial de informação” (Lima Junior, 2011, p. 1).

Entretanto, o desenvolvimento tecnológico, com inovações e incrementos na área de tecnologias digitais conectadas, está modificando enormemente do ecossistema informativo midiático. Uns dos principais ramos que está sendo alterado situa-se na área de interação ser humano e máquina computacional. Há ruptura no modo como nos relacionamos com a informação e suas diversas interfaces digitais conectadas, pois foi-se configurado um novo patamar do relacionamento entre ser humano e máquina computacional digital conectada devido ao desenvolvimento de sistemas computacionais dotados de arquitetura cognitiva, ou seja, capazes interagir com o ser humano, tendo como base elementos cognitivos.

Essa transição é estabelecida entre o uso da máquina computacional no processo de “ajudar o ser humano a encontrar, armazenar, recuperar e organizar a informação, a fim de otimizar as tarefas e melhorar a eficiência da relação homem-máquina” (Silva & Lima Junior, 2017, p. 57) e o uso da máquina computacional como parceira. Essa visão, denominada de simbiose ser humano e máquina computacional foi elaborada no ensaio seminal “Man-computer symbiosis”, de J. C. R. Licklider, em 1960. Nele, abriu-se a possibilidade de um novo tipo de relacionamento entre ser humano e máquina computacional, um relacionamento “simbiótico”.

“A esperança é que, em não muitos anos, os cérebros humanos e as máquinas de computação sejam acoplados muito firmemente, e que a parceria resultante pense que nenhum cérebro humano jamais pensou e processou na forma de dados de uma maneira que não fosse abordada pela manipulação da informação” (Licklider, 1960, p. 4).

Nos dias de hoje, com o avanço tecnológico, máquinas computacionais estão iniciando processos de interação com o ser humano por intermédio de viés cognitivo. E de acordo com os pesquisadores Griffith e Greitzer, “o objetivo foi elevar a tecnologia como ferramenta para usar a tecnologia com o objetivo de aumentar o potencial humano, que era a meta original definida por Licklider em 1960” (2007, p. 48).

O cenário tecnológico na atualidade, muito dele visionado pelos cibernéticos e por Licklider, e percebido no campo do Jornalismo, por Juarez Bahia, não foi estabelecido e configurado de um dia para o outro. É um processo de desenvolvimento incremental e de inovação que acontece nos últimos 70 anos. Assim, devido a não compreensão, por grande parte de educadores e profissionais do Jornalismo, do surgimento e desenvolvimento desse movimento disruptivo, a conexão entre os ensinamentos sobre jornalismo e a base tecnológica no qual esses ensinamentos foram estabelecidos modificou-se e não foram realizados os processos de transição para o entendimento do novo patamar tecnológico digital conectado que estava se consolidando, prejudicando a sintonia informativa entre os produtores do jornalismo e a sociedade contemporânea.

A “Escola de Jornalismo Cibernético” possui as suas bases fundamentais focalizadas na relação entre as pessoas e a informação, ao contrário daquelas relações que enfatizam a interação as pessoas e as tecnologias (Fidel, 2012). Essa diferença é fundamental para compreender a importância desse pensamento, percebido por Juarez Bahia há muitas décadas, o qual delineou uma vertente de ensino de Jornalismo, que na atualidade se mostra válida e pertinente para a recuperação da credibilidade do Jornalismo perante a sociedade.

Bibliografia

- Bahia, J. (1971). *Jornalismo Informação Comunicação*. São Paulo: Editora Martins Fontes S.A.
- Christensen, C. M., Raynor, M., & McDonald, R. (2015). What Is Disruptive Innovation? *Harvard Business Review*, 1-11.
- Fernandes, K. B. (2019). Para superar a dicotomia entre jornalismo e engajamento político. *Intexto (44)*, 255-257.
- Fidel, R. (2012). *Human Information Interaction : An ecological approach to information behavior*. London, England: MIT Press.
- Fontenetto, R. M. B., & Cavalcanti, C. C. B. (2016). A cidade em narrativas: jornalismo tradicional e cidadão durante as ‘Jornadas de Junho’ de 2013 no Brasil. *Chasqui*, 131, 349-362.
- Gehrke, M., & Mielniczuk, L. (2017). Philip Meyer, the outsider who created Precision

Journalism. *Intexto* (39), 4.

Griffith, D. D. A. I., & Greitzer, F. (Pacific N. N. L. (2007). Neo-Symbiosis: The Next Stage in the Evolution of Human Information Interaction. *Int. Journal of Cognitive Informatics and Natural Intelligence* 1(March), 39-52.

Júnior, O. M. ([s.d.]). Juarez Bahia. Acessado 6 de outubro de 2020 em http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/dic_j1.htm

Koch, T. (1991). *Journalism for the 21st century: online information, eletronic databases, and the news*. Westport: Praeger Publishers.

Licklider, J. C. R. (1960). Man-Computer Symbiosis. *IRE Transactions on Human Factors in Eletronics*, 4-11.

Lima Junior, W. T. (2011). Recommendation Systems that establish new forms of representational reality: Eliminating the dividing line between information emitter and receptor of journalistic information. *The International Journal of Interdisciplinary Social Sciences*, 6, 1-8.

Lima Junior, W. T. (2019). Nova relação entre ser humano e máquina computacional: ambiente comunicacional baseado em interação simbiótica com a informação. *Revista Organicom*, 16(31), 134-144.

Lima Junior, W. T., & Oliveira, A. R. de. (2015). Habilidades tecnológicas e ensino superior em Jornalismo no Brasil: observação das exigências contemporâneas e seu contraste com as grades curriculares. *E-compós*, 18(2), 1-22.

Manovich, L. (2002). *The language of new media*. Cambridge, MA, USA: MIT Press.

Márques, G. G. (2011). Eu não vim aqui fazer um discurso. In *Jornalismo, o melhor ofício do mundo*. Rio de Janeiro: Record.

McLuhan, M. (1964). *Understanding Media: The Extensions of Man*. New York: McGraw Hill.

Melo, J. M. de. (2007). A Recepção das Idéias de Wilbur Schramm no Brasil. In *Seminário Schramm: os paradigmas da comunicação para o desenvolvimento* (p. 12-21).

Melo, J. M. de, Kunsch, M. M. K., Moura, C. P. de, Meditsch, E., Prata, N., Puhl, P. R., ... Cirino, J. A. F. (2015). *Ensino do Jornalismo frete às diretrizes curriculares*. São Paulo: Intercom. Acessado em https://www.m-culture.go.th/mculture_th/download/king9/Glossary_about_HM_King_Bhumibol_Adulyadej's_Funeral.pdf

Metzger, M. J., Flanagin, A. J., Eyal, K., Lemus, D. R., & Mccann, R. M. (2003). Credibility for the 21st Century: Integrating Perspectives on Source, Message, and Media Credibility in the Contemporary Media Environment. *Annals of the International Communication Association*, 27(1), 293-335.

Wiener, N.. (1968). *Cibernética e sociedade: o uso humano de seres humanos*. São Paulo: Editora Cultrix.

- Patias, J. C. (2006). O Espetáculo no Telejornal Sensacionalista. In C. N. P. Coelho & V. J. de Castro (Orgs.), *Comunicação e Sociedade do Espetáculo* (pp. 1-211). São Paulo: Paulus.
- Saracevic, T. (2007). Relevance: A Review of the Literature and a Framework for Thinking on the Notion in information Science. Part {II} Nature and Manifestations of Relevance*. *Journal of the american society for information science and technology*, 58(13), 1915-1933.
- Silva, J. R., & Lima Junior, W. T. (2017). Licklider's fundamental ideas in the "man-computer symbiosis " reemerge in the concepts of cognitive computing : a bibliometric study. In *XI International Brazilian Meeting on Cognitive Science: Complexity, Consciousness, and autonomy: a possible unity*.
- Zaramella, S., Gomes, I. B., & Silva, L. A. da. (2019). Editorial do Dossie Ensino de Jornalismo: Teoria, Prática e novas perspectivas. *Revista Comunicação, Cultura e Sociedade*, 9(9), 1-4.

O papel da narrativa *long-form* num caminho renovado para o jornalismo

Inês Mendes

CECS / Universidade do Minho
inesgmendes27@gmail.com

Resumo

O jornalismo sofre, entre outros motivos, com os constrangimentos económicos, a redução das redações e a velocidade crescente exigida no meio, que parece ter conduzido a uma certa superficialidade. Neste contexto marcado pela incerteza surge, ainda assim, uma nova atenção e um uso renovado da narrativa *long-form*. Este trabalho pretende, por isso, sintetizar e enquadrar, a nível teórico, este formato jornalístico – que podemos equiparar ao género que Joaquim Letria (1999) define como reportagem interpretativa – tendo em conta a sua utilização na atualidade e, também, a relação com os meios digitais. Procura-se, ainda, perceber que tipo de ligação se estabelece com o *slow journalism* dado que os valores que orientam a produção da narrativa se aproximam dos deste movimento.

Palavras-chave: Jornalismo digital; *long-form*; narrativa; reinvenção; *slow journalism*.

The role of long-form narrative on a renewed path for journalism

Abstract

Journalism has been dealing, amongst other issues, with economic constraints, newsrooms' shrinkage, and increasing speed, which seems to have led journalism to some triviality. In this context, where uncertainty stands out, the attention to, and a renewed use of, long-form narrative arose again. Therefore, the article aims to theoretically synthesize and frame this journalistic format – which we can equate to what Joaquim Letria (1999) defines as interpretative reportage – taking into account its use nowadays and its connection with the digital environment. We will also try to understand what kind of connection there is with slow journalism because the values that guide the narrative's production are close to those who guide this journalistic movement.

Keywords: Digital journalism; *long-form*; narrative; reinvention; *slow journalism*.

Introdução

“O jornalismo não deve perder o seu lado competitivo, crítico, independente. Deve dizer às pessoas coisas que estas nem sempre querem ouvir. Mas também deveria encontrar formas melhores de dar contexto e promover a compreensão de maneira a que lhe prestemos atenção e a que nos envolvamos com as notícias” (Beckett & Deuze, 2016, p.3).

O jornalismo vive dias de incerteza. Embora esta afirmação não seja uma novidade, continua a ser uma fonte de estudo interessante. Isto devido aos fatores que têm contribuído para a crise em torno deste que é um mecanismo essencial “a um funcionamento saudável das sociedades democráticas” (Bastos, 2012, p. 297), e também – no caso concreto deste trabalho, sobretudo – pelas ideias, contributos e sugestões que se têm apresentado no sentido de inverter este cenário mais sombrio.

Os “processos de concentração de empresas”, a necessidade de rentabilização que, “em muitos casos, redundaram em desinvestimento nas redações” e na precarização do trabalho do jornalista, o “reforço do peso das *soft news*” e a existência de menos tempo para uma verificação cuidadosa dos factos apresentados são alguns dos pontos que têm vindo a marcar o estado do jornalismo (Pinto, 2008, p. 11). Gelado-Marcos (2016) reforça a ideia de que as pressões económicas que se têm imposto sobre o jornalismo, obrigando-o a ser rentável acima de qualquer outro princípio, “podem facilmente conduzir” à adoção de estratégias para obter notícias com custos mais reduzidos de forma a assegurar a sobrevivência da empresa mediática. Esta perspetiva é também apresentada por Belt e South, que falam na “tentação” da publicação de *press releases* e em como “a pressão para publicar rápido, barato e sensacionalmente, retirou o contexto e deixou os consumidores de média num estado de confusão” (Belt & South, 2015, p.547).

Manuel Pinto (2008) refere também a rapidez do desenvolvimento do mundo digital – especialmente o rápido crescimento da Internet e sua introdução no trabalho levado a cabo nas redações – como um dos principais fatores de mudança da paisagem mediática¹. Como Beckett e Deuze referem, a “tecnologia é tanto uma fonte do jornalismo como uma força a agir sobre ele” (2016, p.2). De forma simples, e como Belt e South (2015) sintetizam, o jornalismo está a tornar-se mais superficial, numa altura em que a disseminação de informação no mundo online tem levado os meios de comunicação a inverterem o modelo da qualidade acima da quantidade, a reduzirem o pessoal e a cortarem custos em saídas para o terreno, adotando estratégias de negócio mais baratas. Deduz-se, assim, a primazia dada a notícias mais rápidas, em maior quantidade, menos aprofundadas, onde a contextualização e, sobretudo, a verificação nem sempre são regra. Assiste-se, assim, à banalização da informação e do que é considerado notícia. Aqui importa ainda referir o impacto que as redes sociais têm tido na profissão: se, inicialmente – quando o modelo de negócio começou a ruir –, chegaram a ser encaradas como potenciais salvadoras do jornalismo pois iriam melhorar a distribuição e as

¹ Aqui, e de forma algo geral, destacam-se alguns dos principais e mais evidentes traços que este ‘novo mundo’ trouxe ao jornalismo, como a “publicação praticamente em tempo real” (Pinto, 2008, p. 12) e, tendo em conta esta possibilidade, o imediatismo que, segundo Karlsson (2011), parece ser fundamental ao jornalismo digital, a convergência da escrita, do som e da imagem para dar corpo a uma história publicada online (Deuze, 1999), ou as potencialidades da interatividade e do hipertexto referidas por Bastos (2012).

relações entre os jornalistas e audiência, agora alerta-se para a excessiva importância que os jornalistas dão a notícias e fontes encontradas nessas mesmas redes – também colocadas em causa enquanto meios em que circula desinformação e *fake news* (Lewis & Molyneux, 2018).

Afigura-se um cenário de dúvida sobre a viabilidade do jornalismo, havendo mesmo quem já tenha teorizado uma morte anunciada devido à introdução do digital, como é o caso de Bromley e, também, de Hardt (citados em Steensen, 2011). Esta é, no entanto, uma morte que não sucedeu e, apesar deste cenário de instabilidade (aqui traçado apenas em breves linhas), existem ainda caminhos a explorar ou a redescobrir. “Parece não haver dúvida de que o jornalismo está em fluxo. Quebrou-se a hegemonia – por razões que não se limitam à erosão do modelo de negócio, e é difícil prever o que o jornalismo será amanhã” (Russial, Laufer & Wasko, 2015, p. 306). Os autores apontam que, num ambiente de repetição, fragmentação e, por vezes, trivialidade da informação, deve procurar-se, mais do que objetividade, clareza e exatidão no reportar de notícias (Russial et al., 2015). “Não creio que o jornalismo esteja na eminência de desaparecer. Pelo contrário, há, na crise atual, potencialidades que lhe podem abrir um novo horizonte”, afirma Pinto (2008, p. 18). Deixa-se perceber, assim, que ainda existe necessidade de informação, e de informação diferente, em que a qualidade seja um dos principais pilares de sustentação.

É neste contexto de incerteza, mas também de novas possibilidades e formas de fazer que se centrará esta discussão teórica, que pretende realçar, de forma dedutiva, o caminho que se tem vindo a traçar em direção a uma maior importância da narrativa *long-form* no jornalismo. Procura-se, ainda, esclarecer quais as potencialidades da narrativa, como é que o mundo digital pode fomentar este tipo de jornalismo e perceber o seu enquadramento tendo em conta o movimento do *slow journalism* a que se tem assistido nos últimos anos. Iremos, por isso, desenvolver esta pesquisa em torno de três eixos: começaremos com um breve resumo da utilização da narrativa *long-form* no jornalismo e os elementos que a caracterizam; seguir-se-á uma abordagem àquilo que o contexto digital tem para oferecer; e, finalmente, apontaremos algumas luzes sobre aquilo que é o *slow journalism*. Esta é uma síntese que se mostra relevante no panorama atual: um momento em que persistem as dúvidas sobre que caminhos deverá tomar o jornalismo, em que subsiste a falta de um modelo de negócio viável que oriente a profissão e em que se pensa num (quase) regresso às origens, mesmo tendo em conta uma paisagem mediática irrevogavelmente mudada pela evolução dos meios e ferramentas ao dispor dos jornalistas e do jornalismo.

Procura-se, assim, uma compreensão da complementaridade entre a narrativa longa, o digital e o *slow journalism*. Algo que se afigura importante para a investigação futura sobre esta corrente jornalística, nomeadamente a maneira como os jornalistas aplicam este formato na paisagem mediática atual. Um dos objetivos – que é também uma das preocupações originais que deu origem a esta pequena pesquisa – é perceber se existe a possibilidade de os

textos mais longos que surgem nos média generalistas digitais serem desenvolvidos com tempo, em profundidade, aplicando os critérios de relevância e verificação, e as potencialidades que o online permite. Isto é, se se consegue algo mais, a nível de qualidade, do que apenas textos mais longos, feitos com base no imediatismo imposto pelo digital de que nos fala Karlsson (2011). Esta discussão afigura-se também relevante tendo em conta as perspectivas futuras de investigação em *slow journalism*. Procura-se, assim, um entendimento mais aprofundado desta dimensão de um conceito que se apresenta vasto.

Neste sentido, participará a narrativa *long-form*, de fundo, na reinvenção do jornalismo que possivelmente já está a decorrer, mesmo que ainda não tenhamos plena consciência disso (Pinto, 2008)? Ou, até que ponto é que é a narrativa longa tem vindo a assumir um papel relevante no panorama jornalístico atual?

O caminho da narrativa

“A leitura *long-form*, antes uma das principais formas de aprender e de lazer, está a tornar-se a exceção ao invés da regra à medida que os média eletrónicos, incluindo o jornalismo, se tornam mais omnipresentes, mais crípticos e mais superficiais” (Belt & South, 2015, p. 547).

É nestas circunstâncias, em que o excesso de informação leva os leitores a terem dificuldades em navegá-la, havendo já uma sensação de “afogamento” (Belt & South, 2015, p.547), que autores como Harstock (2007), Johnston e Graham (2012), Belt e South (2015), ou Neveu (2014) se voltam para a narrativa e o jornalismo literário que frequentemente a acompanha, como uma possibilidade para inverter esta tendência.

Erik Neveu argumenta que o desafio do jornalismo é “chegar às audiências assoberbadas pelo excesso de comunicações” (2014, p. 534). Charlie Beckett e Mark Deuze reforçam e acrescentam esta ideia ao referirem que “o desafio da indústria mediática (...) é tornar-se uma parte significativa, perspicaz e de confiança de um ecossistema mediático afetivo emergente” (2016, p. 1).

Numa reflexão sobre o sucesso dos jornais gratuitos, no contexto francês, Neveu (2014) salienta que os artigos curtos preenchem os requisitos daqueles que sentiam que muito jornalismo era feito por especialistas para ser lido por especialistas. Assim, “a brevidade e a condensação eram percecionadas como produtoras de textos claros, deixando os leitores livres para produzirem as suas próprias conclusões a avaliações” (Neveu, 2014, p. 535). Mas esta compactação não permite uma abordagem mais aprofundada e, afinal, o espírito do jornalismo é, também, o de dar aos factos a forma de histórias atrativas (Neveu, 2014), que sejam interessantes. Hartsock diz-nos que “uma forma mais tradicional de *storytelling* (...)”

está a voltar à página da frente” (Hartsock, 2007, p. 258). Não que esteja a tornar-se comum ou omnipresente, mas que ainda assim existe uma mudança que acaba também por revelar diferenças na maneira como os editores e os jornalistas encaram aqueles para quem escrevem: como uma audiência capaz de criar significação, e não recetora passiva dos conteúdos que lhe são fornecidos (Hartsock, 2007). Pode ser, ainda, um caminho capaz de tornar o jornalismo mais duradouro, capaz de sobreviver no tempo. O jornalismo “sempre foi uma prática do efémero” e, portanto, “narrativas mais longas” (Neveu, 2014, p. 537) podem dar origem a conteúdos mais perduráveis. Aqui, o autor exemplifica, chamando à discussão nomes como Joan Didion ou Tom Wolfe enquanto autores a cujos textos ainda voltamos – “quase sempre textos pertencentes a relatos narrativos, de investigação e explanatórios” (Neveu, 2014, p. 538). Esta noção de que a utilização da narrativa longa no jornalismo não é uma invenção dos tempos modernos é uma ideia suportada por Hartsock, que nos diz que aquilo que se tem testemunhado “não é necessariamente um fenómeno novo, mas uma reaparição” de algo que já se fazia (Hartsock, 2007, p. 258).

Arriscamos, assim, ligar aquilo a que nos referimos como narrativas longas, ou *long-form*, àquilo a que Johnston e Graham (2012, p. 517) se referem como “*storytelling* narrativo” ou o que Hartsock designa de “‘jornalismo literário’, ‘jornalismo narrativo’ ou ‘reportagem literária’ (...) que já foi chamado de *New Journalism* na década de 60” (Hartsock, 2007, p. 258). Um género de trabalho que se afasta daquilo que comumente se diz ser *hard news* e que, assim, se enquadra naquilo que Joaquim Letria (1999) refere como reportagem interpretativa, segundo o autor uma parte fundamental do novo jornalismo. Talvez possamos, por isso, afirmá-la como a herança do *New Journalism* das décadas de 60 e 70 do século passado, de que fala Tom Wolfe², e do *New New Journalism* da viragem do século, termo cunhado por Robert S. Boynton³ (aqui, vale a pena referir o estudo de Weldon citada por Johnston & Graham, 2012) que demonstrou um crescimento, entre 2001 e 2004, da quantidade de artigos narrativos presente nas páginas da frente de 20 jornais dos EUA). Mas é possível ir ainda um pouco mais atrás. Jacobson, Marino e Gutsche Jr (2015) referem que o jornalismo já oferecia aos seus leitores narrativas imersivas no século XIX, cuja função era não só informativa, mas também interpretativa e descritiva. Shudson (citado por Johnston & Graham, 2012) salienta que os repórteres escreviam narrativas por ordem cronológica até ao final do século XIX, altura em que ocorreu uma viragem em direção a um jornalismo mais objetivo e passou a utilizar-se de forma regular o *lead* sumário (ou estrutura da pirâmide invertida), um facto também apontado por Van Krieken (2019).

² Termo mais reconhecido após a publicação do livro *The New Journalism*, de Tom Wolfe, de 1973 - <https://www.chipublib.org/wolfe-and-the-new-journalism/>. É um livro precursor, como referem Johnston e Graham (2012), pelo afastamento em relação à técnica da pirâmide invertida.

³ Termo sugerido por Robert S. Boynton, no seu livro *The New New Journalism*, de 2005 - <https://niemanreports.org/articles/time-and-techniques-define-a-new-new-journalism/>

É, assim, possível perceber claramente que a introdução da narrativa longa, que aprofunda os temas tratados, no jornalismo da atualidade não é um fenómeno ligado à inovação, mas sim algo a que a profissão recorre, poderíamos dizer, de forma algo cíclica. Van Krieken argumenta que, tendo em conta a perspetiva de que o jornalismo narrativo se aproxima da prosa literária, “o jornalismo narrativo contemporâneo pode ser considerado um regresso ao início do jornalismo impresso” (2019, p. 1). Talvez a diferença, agora, se prenda, sobretudo, com as ferramentas ao dispor dos jornalistas – a este tópico voltaremos mais à frente.

Permanece, no entanto, a questão do porquê do apelo da narrativa *long-form* para o jornalista. O que é que acrescenta, não só ao seu trabalho, mas também aos leitores – os destinatários por excelência dos conteúdos produzidos nas redações?

As considerações de Erik Neveu sobre este tópico são particularmente elucidativas. O autor refere-se a um tipo de jornalismo que procura “combinar a objetividade, a factualidade das cenas e ações, e a maior atenção à dimensão subjetiva da experiência e dos sentimentos dos atores dos eventos” (Neveu, 2014, p. 538). Boesman e Meijer apontam que o “*storytelling* é visto como uma forma de tornar as notícias mais significantes para as audiências” (2018, p. 997). Através do estudo que levaram a cabo, os autores notaram que os profissionais que habitualmente trabalhavam com *storytelling* dispunham de mais tempo para elaboração dos artigos/peças e pareciam mais interessados em expandir os limites do jornalismo e não de os proteger (Boesman & Meijer, 2018).

Nesse sentido, os jornalistas utilizam ferramentas de recolha de informação ligadas às ciências sociais como, por exemplo, métodos etnográficos e sociológicos para entrevistas ou para observação para dar corpo a um tipo de jornalismo que usa marcadamente a narrativa para contar histórias (Neveu, 2014). Editor da revista *The New Yorker*, David Remnick (citado por Sharp, 2013, §5) diz que a narrativa *long-form* é “extensa, relaxada, profundamente relatada, não-ficção literária”. Assume-se, assim, um tipo de jornalismo formado pelas narrativas longas, os artigos de fundo que contextualizam, informam, explicam, onde se resolvem os puzzles ou onde se desconstroem os puzzles; onde os factos coexistem em equilíbrio com a subjetividade necessária a este género e com a imersão na história que está a ser contada. É, por isso mesmo, um formato que interessa não só aos profissionais do jornalismo, mas também aos que consomem o produto final, não só pela extensão, mas, acima de tudo, pela sua qualidade. Como refere Hartsock (2007), o jornalismo literário narrativo é tendencialmente mais apelativo para os públicos dado que os leva a envolverem-se mais com os conteúdos. Uma ideia também sustentada por Johnson e Graham: “a narrativa *storytelling* é mais fascinante de ler do que o modelo de informação da pirâmide invertida” (2012, p. 517).

Os meios para a narrativa long-form, com ênfase no digital

“O formato de textos *long-form* encontra no jornalismo online e grandes reportagens multimídia solo fértil para consolidar as suas características, que se relacionam com diferentes formas de apresentar narrativas longas, sejam jornalísticas, ficcionais ou não ficcionais” (Longhi & Winques, 2015, p. 118).

Como pudemos perceber acima, a narrativa longa jornalística tem feito parte do percurso do jornalismo ao longo dos tempos, de forma mais ou menos intensa dependendo dos períodos em causa. Com o advento da Internet e a passagem dos leitores para os meios online, “os analistas dos média pensaram que o *long-form* estaria em dificuldades”, mas, pelo contrário, o formato passou para o digital e “está a prosperar” (Sharp, 2013, §1-2).

Assistimos, hoje, não só a uma nova valorização – Hartsock (2007, p. 270) percecionou um “interesse renovado” da parte dos jornais em dar espaço a artigos do género –, mas também de novos meios para lhe dar corpo. Até porque pesquisas “acerca do *long-form* têm enfatizado o papel dos artigos de fundo e conteúdos multimídia na captação da atenção do leitor” (Hernandez & Rue, citados por Hiippala, 2017, p. 421). Hiippala (2017) refere também o jornalismo digital *long-form* como tendo cada vez mais reconhecimento enquanto peça valiosa para fazer *storytelling* jornalístico.

Embora exista espaço para este tipo de trabalhos em qualquer formato de média, de jornais⁴ a revistas⁵, a grandes reportagens televisivas ou radiofónicas⁶, o foco desta revisão será o digital por ser um meio que apresenta novas ferramentas aos jornalistas e porque se destacou por ser algo contraditório à lógica do *long-form* – que implica mais tempo para ler e explorar –, dado ter impulsionado a rapidez e imediatismo do jornalismo. Mas, tal como Gelado-Marcos reflete, este frenesim tem levado a uma interrogação pertinente, tendo em conta que o imediatismo faz com que o objetivo seja publicar primeiro: “ser o primeiro em quê? A oferecer o habitual e/ou o mesmo que todos os outros?” E, nesta ótica, “a obsessão com o imediato não está em desacordo com a possibilidade de lidar com questões em profundidade?” (Gelado-Marcos, 2016, p. 266).

Embora estas características do online tenham dado aso a novos comportamentos dentro das redações, acabando por transformar as rotinas de produção jornalísticas, como identifica Gelado-Marcos (2016), essas mesmas características podem ser potenciadores de uma forma renovada de dar corpo a narrativas longas e aprofundadas sobre os mais diversos temas.

⁴ Por exemplo, Johnston e Graham perceberam, num estudo com base em dois jornais australianos, que “embora a narrativa possa não ser a estrutura dominante das notícias na Austrália, esta tem, claramente, lugar nos jornais impressos” (2012, p.530).

⁵ Como é o caso da revista francesa XXI ou da inglesa Monocle, apenas para exemplificar.

⁶ Podemos aqui nomear como exemplos a ‘Grande Reportagem’ do canal de televisão SIC ou a ‘Grande Reportagem’ da rádio TSF, no caso português.

Um dos marcos incontornáveis desta afirmação é o artigo *Snow Fall: The Avalanche at Tunnel Creek*, de John Branch e publicado em 2012 pelo *The New York Times*⁷. Apontado como “uma representação popular do jornalismo online emergente que integra na perfeição multimédia na narrativa” (Jacobson, Marino & Gutsche Jr., 2015, p. 2), é uma narrativa longa, dividida por capítulos, que permite ao leitor navegar ao seu próprio ritmo e explorar a história pela ordem mais conveniente. Salienta-se, por isso, a interatividade do jornalismo digital e também a navegação fácil que caracteriza a interface. Este trabalho é visto por Van Krieken como aquele que colocou “o jornalismo *long-form* digital no mapa devido à muito aclamada exploração inovadora dos potenciais do *storytelling* online” (2019, p. 4).

Recordamos, também, o *The Sochi Project*⁸, com fotografia de Rob Hornstra e textos de Arnold van Bruggen, um projeto que decorreu entre 2009 e 2014 e que investigou os bastidores e a situação envolvente dos Jogos Olímpicos de Inverno de Sochi, na Rússia. Outros exemplos são o artigo sobre o rapto de uma menina⁹, na Alemanha, da autoria de Xan Rice e publicado pelo *The Guardian*, em 2019, e “A Sul da Sorte”¹⁰, um artigo imersivo, dividido por capítulos, de Catarina Santos para a Rádio Renascença. Mas o mundo digital permite muitas soluções diferentes. A emergência de *podcasts* como é o caso do *Serial*¹¹, onde cada temporada é uma história verídica explorada e investigada em vários episódios áudio, sendo possível consultar documentos e materiais adicionais no *site*, mostra como o online pode fazer “prosperar”, como dizia Sharp (2013, §2), as narrativas longas, incorporando diversos elementos e diferentes formatos.

Nas narrativas online é frequente a existência “de elementos multimédia para criar uma experiência de leitura imersiva” (Van Krieken, 2019, p. 3). Assim, e tendo como exemplo o artigo *Snow Fall*, o texto pode ser complementado com fotografias, vídeo, gráficos interativos e simulações 3D (Van Krieken, 2019); sendo que o jornalismo digital facilita também a integração de som, ilustrações, infografias ou *motion design*, por exemplo. Segundo Jacobson, et al. (2015), a tecnologia deu espaço ao design e ao uso de diversos média para destacar certas formas de *storytelling*. Os autores salientam que a utilização de recursos multimédia além de representar as ferramentas e as capacidades dos jornalistas para as usar, também mostra a “integração da tecnologia no *storytelling*, que tem propósitos literários próprios”, intensificando, assim, “a compreensão do potencial que a Web tem para um jornalismo dramático e imersivo” (Jacobson et al, 2015, p.14). Uma das plataformas pioneiras terá sido a *Atavist*¹², que tinha por objetivo permitir contar histórias aprofundadas, através de um design

⁷ <http://www.nytimes.com/projects/2012/snow-fall/index.html#/?part=tunnel-creek>

⁸ <http://www.thesochiproject.org/en/chapters/the-summer-capital/>

⁹ <https://www.theguardian.com/news/2019/sep/24/ursula-herrmann-germany-kidnapping-mystery>

¹⁰ <https://rr.sapo.pt/a-sul-da-sorte/index.html>

¹¹ <https://serialpodcast.org>

¹² <https://atavist.com>

bonito. A par da plataforma, os fundadores lançaram uma revista¹³ que serve também como exemplo daquilo que é possível fazer.

Tendo em conta o ambiente digital em que a sociedade dos nossos dias e o jornalismo se inserem, e o contexto de vivência e trabalho em rede, importa, agora, destacar a perspectiva de Beckett e Deuze (2016) que argumentam que, à medida que são operadas mudanças, tanto na sociedade, como no jornalismo, a emoção vai ganhando mais relevância na forma como as notícias são produzidas e, também, consumidas. Os autores referem que é neste contexto, em que a emoção prevalece, que “se testemunha a emergência de novos estilos de *storytelling* e formatos que integram substância e afeto” (Beckett & Deuze, 2016, p. 4). Isto é, a qualidade do trabalho jornalístico acompanhada da emoção daqueles que a história retrata. Como referem os autores:

“as pessoas querem a gama completa de emoções (...), bem como narrativas oportunas e de confiança. A confiabilidade na época do jornalismo em rede é, argumentamos, cada vez mais determinada pela autenticidade emocional. Este jornalismo tem o fator humano no centro, não em último lugar porque agora a audiência faz parte do processo” (Beckett & Deuze, 2016, p. 4).

A emoção era, tradicionalmente, colocada de parte logo à partida quando se pensava em jornalismo, uma área onde a objetividade ocupava o lugar de honra – porque só com a objetividade a reger a forma como se transmitiam as notícias se fazia verdadeiro jornalismo. Mas, tal como Beckett e Deuze (2016), também Karin Wahl-Jorgensen (2016) fala da emoção e traça, sobretudo, a forma como esta tem vindo a ganhar um papel mais relevante no jornalismo dos dias de hoje, enquadrando isto nas mudanças operadas devido à digitalização desta área. No entanto, a importância da emoção no jornalismo não se cinge à atualidade. As mudanças referidas, e a utilização das redes sociais, podem ter acelerado a “emergência de um jornalismo mais subjetivo, emocional”, mas este tem raízes já profundas na tradição do jornalismo narrativo em que se dava preferência a formas de *storytelling* emocional (Coward citado em Wahl-Jorgensen, 2020). Pode associar-se, assim, a narrativa – e o jornalismo de qualidade (Wahl-Jorgensen, 2020, referindo-se a um trabalho seu de 2013, menciona o jornalismo reconhecido com prémios Pulitzer) – à emoção e à importância da relação que se estabelece com as histórias que estão a ser contadas.

Um breve enquadramento do slow journalism

“Não há uma definição unânime de *slow journalism*. Em larga medida, pode definir-se

¹³ <https://magazine.atavist.com>

por aquilo que não é: jornalismo rápido. O *slow journalism* é uma reação contra a reportagem que, para muitos críticos de mídia e consumidores, parece apressada, superficial e mal informada” (Belt & South, 2015, p. 551).

Definir aquilo que é esta corrente do jornalismo não é simples, dado ser relativamente recente¹⁴ e, possivelmente, estar ainda em emergência. Guiar-nos-emos pela definição suprarreferida porque, dizendo-nos aquilo que não é, acabamos por entender aquilo que é, ou que se quer que seja, o *slow journalism*. Surge como uma alternativa. Uma prática que responde à necessidade de outro tipo de jornalismo, numa altura em que a velocidade e a necessidade de destruição da concorrência são comumente aceites (Le Masurier, 2016).

A autora defende que o termo é um contraponto à velocidade, sendo assim uma crítica aos efeitos desta no jornalismo, porque existe um novo “contexto de hiper-aceleração e excesso de produção de jornalismo, em que a qualidade sofreu, a ética está comprometida e a atenção do utilizador tem-se desvanecido” (Le Masurier, 2016, p. 405). É, no entanto, necessário ter em consideração que poderá ser redutor ver esta corrente apenas como uma oposição à velocidade que se instalou no seio do jornalismo. Neste sentido, Erik Neveu (citado por Le Masurier, 2016, p. 406) defende a perspetiva de que

“se evitarmos tentar fixar o *slow journalism* muito de perto, ou vê-lo como uma oposição binária simples às práticas em velocidade hipermodernas, pode de facto ser um conceito notavelmente profícuo para tentar tirar sentido das mudanças atuais na prática do jornalismo”.

Ball (citado por Le Masurier, 2016, p. 407) refere que este conceito está ligado a um “teor moral do processo comunicativo, e não à sua duração, andamento ou características formais”.

É assim que, em 2011, surge a *Delayed Gratification*, impressa, que se assume como a primeira revista de *slow journalism* e cuja ideia central é ser a última a dar as notícias de última hora. Tem como objetivo principal providenciar aos seus leitores trabalhos de fundo sobre os acontecimentos mais relevantes dos três meses anteriores e sobre temáticas únicas¹⁵. A par da *Delayed Gratification* têm surgido outros canais de mídia cujo intuito principal é produzir jornalismo de qualidade, com tempo, dando espaço ao *slow journalism* para se afirmar não só na imprensa, mas também nos meios digitais. Exemplo disso são o *De Correspondent*¹⁶, no ar desde 2013, e a plataforma irmã *The Correspondent*¹⁷, lançada em

¹⁴ <https://www.prospectmagazine.co.uk/magazine/slowjournalism>

¹⁵ <https://www.slow-journalism.com>

¹⁶ <https://decorrespondent.nl>

¹⁷ <https://thecorrespondent.com>

2019, ou ainda o também recente Tortoise¹⁸, em atividade desde 2019, e que, além de online, terá também publicação impressa.

O *slow journalism* parece, assim, ter caminhos por onde se desenvolver. Por exemplo, a Enemy¹⁹, um projeto impresso que pretende denunciar abusos de poder, atingiu os seus objetivos de financiamento na plataforma Kickstarter, mostrando que há vontade – tanto da parte dos jornalistas, como dos públicos – em dar voz a jornalismo de referência, de qualidade, onde estar certo é mais importante do que ser o primeiro a publicar.

Compreendemos, assim, a afirmação de David Dowling sobre o que melhor define o *slow journalism*: “a sua marca mais reconhecida e vendável é ser uma anti marca, profundamente resistente à padronização homogeneizada das notícias *online* produzidas em massa” (Dowling, 2016, p. 541).

Conclusões

“Estou mais convencida do que nunca de que os jornais precisam da narrativa e de que a narrativa pode salvar os jornais... As provas estão em todo o lado, do pico nas vendas quando estamos a publicar uma série interessante, às chamadas e *e-mails* dos leitores tocados pela forma como o escritor contou a história” (Carrillo, citada por Hartsock, 2007, p. 273).

Esta pequena revisão sobre o estado da narrativa *long-form* na atualidade, tendo em conta, sobretudo, as potencialidades do jornalismo digital e num momento em que o movimento do *slow journalism* parece ganhar força renovada, revelou-se assaz interessante na medida em que nos permitiu fazer não só um apanhado geral, mas também tornar mais salientes as relações que se estabelecem entre estes três eixos.

A narrativa *long-form* parece ter voltado a ganhar nova força e expressividade dentro do jornalismo atual, sendo um formato apreciado e valorizado pelos profissionais dos média devido à qualidade e ao aprofundamento que este tipo de trabalhos permite. Os profissionais, dispondo de tempo e dos meios necessários, podem dar corpo a jornalismo de fundo, imersivo, não necessariamente ligado às notícias de última hora, mas a questões pertinentes, muitas vezes sociais, que merecem foco e reflexão. São, além disso, peças com as quais os consumidores de jornalismo se relacionam com mais facilidade, dado que expressam, além dos factos e da objetividade inerentes às *hard news*, o contexto, a subjetividade das emoções e perspetivas dos intervenientes (Beckett & Deuze, 2016).

O foco renovado na narrativa parece estar relacionado, sobretudo, com a velocidade e o

¹⁸ <https://www.tortoisemedia.com>

¹⁹ <https://enemymagazine.com>

excesso de informação que tem dominado o panorama jornalístico atual e assoberbado aqueles que consomem os produtos daí provenientes. É neste contexto que se integra o segundo eixo deste trabalho, ou seja, o digital como veículo de informação. Concluimos que, apesar do meio digital ser um dos principais impulsionadores da velocidade e do imediatismo que tem pautado a produção jornalística, é também um meio com características únicas para veicular o melhor do *long-form*, sendo parte ativa da construção de sentido das narrativas que no digital tomam forma (Jacobson et al., 2015). Assume-se, assim, como uma oportunidade importante para dar forma a narrativas mais completas e adaptadas ao jornalismo atual – tal como já demonstrava Snow Fall, em 2012. Erik Neveu (2014) refere que, em grande parte dos locais onde ganhou maior expressividade, a narrativa chega em revistas impressas, como a The New Yorker ou da XXI. Ainda assim, o mesmo autor aponta que “o jornalismo narrativo combina com *templates* muito diversos” (Neveu, 2014, p.540). Até porque, como referem Jacobson et al. (2015), o *storytelling* digital mostra-nos as potencialidades do meio para dar forma a jornalismo de imersão, como podemos observar, por exemplo, em A Sul da Sorte.

Importa salientar, no entanto, que não se subscreve aqui a perspetiva de que o jornalismo deve ser feito apenas com a narrativa longa, de uma forma de fazer que leva mais tempo. Tal como Craig (citado por Le Masurier, 2016, p. 406) defende, “precisamos tanto do jornalismo rápido, como do lento”.

Pelas características que definem a narrativa *long-form* percebemos que esta se enquadra com simplicidade no movimento do *slow journalism*, até porque os princípios que a orientam são em muito semelhantes aos valores que regem o *slow journalism*. Ainda assim, percebemos que a narrativa é independente desta nova tendência do jornalismo – é um género que faz parte da profissão há já muitas décadas e que fez parte de outros movimentos, como por exemplo o *New Journalism*. No entanto, ressalva-se que esta atenção dada a um jornalismo que se foca na qualidade, na verificação e na investigação rigorosa, pode ser um apoio/impulsionador relevante para uma importância renovada da narrativa *long-form* no jornalismo dos dias que correm, e para o futuro.

Em síntese, e de forma a responder à interrogação inicial que guiou esta discussão, deduzimos da teoria que sim, a narrativa tem assumido um papel já relevante no panorama atual, considerando já as potencialidades do online enquanto plataforma para desenvolver este género de trabalhos. Mesmo assim, parece-nos haver um caminho ainda algo extenso a percorrer para que a narrativa chegue à ‘popularidade’ que já teve noutros períodos – nomeadamente as décadas de 60 e 70 do século passado.

No seguimento desta pequena revisão, e tendo em conta as suas limitações – foram aqui considerados apenas estudos sobre estas matérias e alguns exemplos que tinham por objetivo ilustrar de forma mais clara aquilo a que nos referíamos – sugere-se, para uma pesquisa futura, aplicar o método de estudo de género, como sugerido por Buoziis e Creech

(2018), com o intuito de perceber como é que o digital está a modular a narrativa *long-form*. Seria, também interessante, perceber qual a expressividade da narrativa em meios de comunicação que sigam a filosofia do movimento *slow journalism* e compara-la com meios ditos tradicionais. Outro caminho possível seria aplicar os estudos de receção de forma a perceber como é que os públicos reagem aos conteúdos de jornalismo narrativo. Estas pesquisas afiguram-se como relevantes para compreender mais aprofundadamente até que ponto estará o digital a modificar a estrutura da narrativa, e o que é que, eventualmente, se mantém semelhante; e também perceber qual o seu futuro, tendo em conta a expressividade que lhe é dada dentro dos meios de comunicação e a perspetiva dos públicos sobre esta forma de fazer jornalismo.

Bibliografia

- Bastos, H. (2012). A diluição do Jornalismo no Ciberjornalismo. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 9(2), 284-298. <https://doi.org/10.5007/1984-6924.2012v9n2p284>
- Beckett, C. & Deuze, M. (2016). On the Role of Emotion in the Future of Journalism. *Social Media + Society*, 2(3), 1-6. <https://doi.org/10.1177/2056305116662395>
- Belt, D. & South, J. (2015). Slow Journalism and the Out of Eden Walk. *Digital Journalism*, 4(4), 547 – 562. <https://doi.org/10.1080/21670811.2015.1111768>
- Boesman, J. & Meijer, I. (2018). Nothing but the Facts?, *Journalism Practice*, 12(8), 997-1007. <https://doi.org/10.1080/17512786.2018.1493947>
- Buozis, M. & Creech, B. (2018). Reading News as Narrative. *Journalism Studies*, 19(10), 1430-1446. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2017.1279030>
- Deuze, M. (1999). Journalism and the Web: An analysis of skills and standards in an online environment. *International Communication Gazette*, 61(5), 373-390. <https://doi.org/10.1177/0016549299061005002>
- Dowling, D. (2016). The Business of Slow Journalism. *Digital Journalism*, 4(4), 530-546. <https://doi.org/10.1080/21670811.2015.1111769>
- Gelado-Marcos, R. (2016). Una revisión de los condicionantes de la profesión periodística desde la perspectiva sociológica de McNair. ¿Es viable un periodismo profesional de calidad?, *Revista Mediterránea de Comunicación*, 7(2), 259-273. <https://www.doi.org/10.14198/MEDCOM2016.7.2.16>
- Hartsock, J. (2007). It was a Dark and Stormy Night. *Prose Studies*, 29(2), 257-284. <https://doi.org/10.1080/01440350701432853>
- Hiippala, T. (2017). The Multimodality of Digital Longform Journalism. *Digital Journalism*, 5(4), 420-442. <https://doi.org/10.1080/21670811.2016.1169197>
- Jacobson, S., Marino, J. & Gutsche Jr., R. (2015). The digital animation of literary journalism. *Journalism*. Pré-publicação online. <https://doi.org/10.1177/1464884914568079>

- Johnston, J. & Graham, C. (2012). The New, Old Journalism. *Journalism Studies*, 13(4), 517-533. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2011.629803>
- Karlsson, M. (2011). The immediacy of online news, the visibility of journalistic processes and a restructuring of journalistic authority. *Journalism*, 12(3), 279-295. <https://doi.org/10.1177/1464884910388223>
- Le Masurier, M. (2016). Slow Journalism. An Introduction to a new research paradigm. *Digital Journalism*, 4(4), 405-413. <https://doi.org/10.1080/21670811.2016.1139904>
- Letria, J. (1999). *Pequeno Breviário Jornalístico*. Editorial Notícias.
- Lewis, S. & Molyneux, L. (2018). A decade of research on social media and journalism: assumptions, blind spots and a way forward. *Media and Communication*, 6 (4), 11-23. <https://doi.org/10.17645/mac.v6i4.1562>
- Longhi, R. & Winques, K. (2015). The Place of Longform in Online Journalism: Quality versus quantity and a few considerations regarding consumption. *Brazilian Journalism Research*, 1(1), 104-121. <https://doi.org/10.25200/BJR.v11n1.2015.808>
- Neveu, E. (2014). Revisiting Narrative Journalism as One of the Futures of Journalism. *Journalism Studies*, 15(5), 533-542. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2014.885683>
- Pinto, M. (2008, dezembro). *Digressão sobre a 'crise no jornalismo' – Entre definhamento e reinvenção*. Texto da Lição de Síntese apresentada como requisito das Provas de Agregação no ramo de Ciências da Comunicação, área de Sociologia da Informação, Braga.
- Russial, J., Laufer, P. & Wasko, J. (2015). Journalism in Crisis?. *Javnost – The Public*, 22(4), 299-312. <https://doi.org/10.1080/13183222.2015.1091618>
- Sharp, N. (2013, 9 de dezembro). The future of longform. A conference at the Columbia Journalism School explored the craft's digital prospects. *Columbia Journalism Review*. https://archives.cjr.org/behind_the_news/longform_conference.php
- Steensen, S. (2011). Online Journalism and the Promises of New Technology. *Journalism Studies* 12(3), 311-327. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2010.501151>
- Van Krieken, K. (2019). Literary, Long-Form, or Narrative Journalism. In T. P. Vos, F. Hanusch, D. Dimitrakopoulou, M. Geertsema-Sligh & A. Sehl (Eds.), *The International Encyclopedia of Journalism Studies* (pp. 1-7). John Wiley & Sons, Inc.
- Wahl-Jorgensen, K. (2016). Emotion and Journalism. In T. Witschge, C. Anderson, D. Domingo & A. Hermida (Eds.), *The SAGE Handbook of Digital Journalism* (pp. 126-143). SAGE Publishing.
- Wahl-Jorgensen, K. (2020). An emotional turn in journalism studies?. *Digital Journalism*, 8 (2), 175-194. <https://doi.org/10.1080/21670811.2019.1697626>

Os fluxos local-regional em meio ao covid-19 e a experiência de um telejornal regional

César Franco dos Santos Martins
Universidade Federal de Juiz de Fora
cezarfsmartins1997@gmail.com

Gustavo Teixeira de Faria Pereira
Universidade Federal de Juiz de Fora
gustavo_tfp@yahoo.com.br

Resumo

A pandemia do Covid-19 transformou o Brasil e também o jornalismo, já que uma das medidas de prevenção se pauta pelo isolamento social, que significa ter o maior número de pessoas possível em casa para evitar o contágio pelo vírus. Com isso os telejornais precisaram se adaptar a essa nova realidade reduzindo as equipes nas ruas e tomando uma série de cuidados durante as rotinas produtivas. A partir disso, o objetivo do presente trabalho é o de identificar as mudanças nas escalas dos fluxos comunicacionais que surgem nessa nova configuração do jornalismo em meio à pandemia, tomando como objeto de análise um telejornal regional que se faz presente no estado brasileiro de Minas Gerais: o MGTV primeira edição, da TV Integração – afiliada da Rede Globo –, que desde o dia 23 de março de 2020 passou a compreender várias regiões do estado de Minas Gerais. Para cumprirmos esse objetivo, utilizaremos como metodologia a Análise da Materialidade Audiovisual e tomaremos como corpus de investigação uma semana composta entre 6 de abril e 8 de maio de 2020.

Palavras-chave: Jornalismo Regional; Fluxos Comunicacionais; Materialidade Audiovisual; TV Integração.

Local-regional flows amid covid-19 and the experience of the regional TV news

Abstract

The Covid-19 pandemic has transformed Brazil and journalism since one of the preventive measures is based on social isolation, which means having as many people as possible at home to avoid virus contagion. With this, the television news had to adapt to this new reality reducing the team on the streets and taking much care during the productive routines. The objective of the article is to identify the changes in the scales of communication flows that arise in this new configuration of journalism amid the pandemic, taking as an object of analysis a regional TV news present in the Brazilian state of Minas Gerais - the MGTV first edition, of TV Integration and affiliated with Rede Globo -, which from March 23, 2020 began to understand several regions of Minas Gerais. We will use as methodology the Analysis of Audiovisual Materiality to accomplish this goal. We will take as research corpus a week composed between April 6 and May 8 of 2020.

Keywords: Regional Journalism; Communication Flows; Audiovisual Materiality; TV Integration.

Introdução

A comunicação num espaço mais restrito não consiste somente em seguir os padrões que se fazem presentes nos grandes centros, isso porque, à medida que reduzimos a escala geográfica, a realidade torna-se ainda mais particular. A nível local, as situações ocorrem seguindo lógicas culturais e sociais próprias, que são constituídas com especificidades que a geografia condiciona (Assis, 2013). Assim, ao pensarmos num jornalismo local e regional, alguns fatores como a estrutura, o agendamento e a rotina variam de maneira peculiar.

Diante das características de cada lugar podemos pensar que o trabalho jornalístico é modificado à medida que a área de alcance e cobertura se alteram.

Nesse sentido, o objetivo do presente trabalho é o de investigar as mudanças na cobertura de um jornal televisivo presente no estado de Minas Gerais¹, o MGTV 1ª edição² - telejornal transmitido pela TV Integração- emissora afiliada à Rede Globo de Televisão - que se encontra em cinco das dez regiões internas presentes no estado de Minas Gerais, após o agravamento do Covid-19³ no Brasil.

Com o cenário pandêmico, a emissora passou a transmitir em um mesmo telejornal informações das cinco regiões de sua área de cobertura (Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba; Zona da Mata e Campo das Vertentes; Central Mineira; e Oeste de Minas). Anteriormente, quatro telejornais realizavam a cobertura desse mesmo espaço.

Logo, a comunicação seguiu sendo regional, mas com um alcance maior, produzindo mudanças nas escalas dos fluxos comunicacionais e, conseqüentemente, na representação dos cidadãos.

Para desenvolvermos a pesquisa, foram realizadas análises de cinco edições do telejornal MGTV 1ª edição por meio da semana composta, o que nos possibilitou uma investigação mais precisa sobre essa transformação.

A metodologia utilizada foi a Análise da Materialidade Audiovisual, desenvolvida por Coutinho (2016) e que tem como objetivo a realização de uma análise de conteúdos audiovisuais a partir de uma unidade, observando não apenas o texto, como também o que está para além do texto ou das falas dos jornalistas, já que o objetivo foi identificar não apenas o que os repórteres expressaram verbalmente, mas também questões ligadas ao não-verbal, ao espaço que cada região teve nos telejornais, de que locais foram produzidas as matérias e qual a ordem de importância de cada conteúdo veiculado na construção do espelho do telejornal.

¹ Estado brasileiro localizado na região Sudeste do território brasileiro.

² Denominação do telejornal regional das afiliadas da Rede Globo no estado de Minas Gerais.

³ SARS-COV-2, popularmente conhecida como Covid-19 é uma doença infecciosa causada por um vírus recém-descoberto e que teve seus primeiros casos confirmados em dezembro de 2019 em Wuhan, na China, e meses depois se espalhou para todo o mundo, incluindo o Brasil, se transformando em uma pandemia.

(Tele)Jornalismo de proximidade e os fluxos comunicacionais

De modo a introduzir a questão do local/regional, assumimos a perspectiva de Garcia (2002) que afirma que com a globalização, o jornalismo de proximidade emerge como sendo uma expansão das formas de se comunicar, passando a dialogar entre os âmbitos local e global e criando o termo "glocal", que se refere à complementariedade entre a comunicação local e a global, assumindo que uma não exclui a outra, e sim ambas têm seu espaço. Essa relação dialógica e complementar entre local e global tem sido cada vez mais explorada pelos meios de comunicação de massa e também pelas mídias e redes sociais digitais, já que os limites entre local e global tem se misturado cada vez mais, não sendo possível identificar algo que é estritamente local e que não impacte no cenário global e vice-versa.

Já Camponez (2012) trabalha com a questão do jornalismo de proximidade assumindo que a partir da globalização, o jornalismo local se torna responsável por assumir um compromisso com a comunidade onde está inserido, sendo essencial para questões de identidade e de aproximação dos conteúdos com os territórios a serem cobertos. No cenário brasileiro esta questão do local se torna ainda mais importante ao identificarmos que o país possui dimensões continentais e é plural e diverso desde sua criação, reforçando o papel da cobertura local e regional.

Além disso, o jornalismo local/regional tem a capacidade de criar laços e identidades com seu público, na medida em que há um espaço maior para que os cidadãos de uma localidade sejam representados por meio de narrativas próximas às suas realidades.

Ao contrário do que se pensava inicialmente, o processo de globalização promoveu uma revalorização da comunicação local, já que ao mesmo tempo em que a busca era por uma cultura mundial, identificou-se que os cidadãos também sentiam necessidade de saber o que ocorriam em seu entorno.

Desta forma, a partir do fim da década de 1990, a mídia começa a se virar novamente para o local e o regional, diante de um momento em que "a realidade vai evidenciando que o local e o global fazem parte de um mesmo processo: condicionam-se e interferem um no outro, simultaneamente" (Peruzzo, 2005, p. 74).

Ao trabalharem com o conceito de telejornalismo local, Vizeu e Cerqueira (2019) apontam como sua principal potencialidade criar relações de proximidade capazes de gerar identidade e representação, bem como criar vínculos sociais com os cidadãos que ali estão em contato com conteúdos próximos à sua realidade. "Identidade, (re)conhecimento, representação fazem desse telejornalismo âncora das demandas mais urgentes da comunidade, amplificador dos debates e questões políticas, culturais e econômicas" (Vizeu & Cerqueira, 2019, p. 41).

Já Coutinho e Emerim (2019) apontam para um local de busca de representatividade e

de identificação do cidadão, que cria laços sociais a partir de demandas da sociedade por se sentirem parte do telejornal:

O telejornalismo local assim pode ser conceituado como o espaço para prática e a experiência televisiva do que é próximo, para a vivência da cidade e da região na tela de TV. Sua realização dependeria da produção simbólica e do trabalho de jornalistas identificados com aquele espaço físico e social, imersos, visíveis e reconhecidos por moradores e cidadãos com os quais estabeleceriam vínculos afetivos e de pertencimento, o que se efetiva e constitui reconhecimento.

Além disso, segundo Fernandes (2010), o telejornal regional goza de extrema relevância por trazer aspectos do cotidiano das cidades e de retratar o que há de comum entre os moradores daquela região, o que acaba por gerar uma grande proximidade do telespectador com o conteúdo apresentado.

Nesse panorama, faz-se necessário também trabalharmos com a questão dos fluxos comunicacionais, que se apresentam justamente nessa mudança das escalas de cobertura do jornalismo e surge a partir de fluxos local-global (Martín-Barbero, 2004), que se estabelecem na dualidade da mundialização da cultura, potencializada com a Internet, em que qualquer pessoa tem acesso a conteúdos ao redor do globo com poucos cliques. Ao mesmo tempo, há uma revalorização do local, que acontece principalmente pela necessidade de reafirmação de identidades de cidadãos que, ao mesmo tempo que consomem conteúdos de todo o mundo, buscam saber o que vem ocorrendo em suas proximidades, que constituem o seu verdadeiro espaço geográfico e identitário e representativo.

A partir de então, Torre (2018) propõe uma "microhistória" global ou história translocal, que se estabelece a partir de um conflito entre local e global, em que essa "microhistória" resultaria em uma tendência a estudar a cultura por se conhecer os limites lógicos nos locais e por se conceder maior espaço de fluidez com o global. Entretanto, o autor busca negar a afirmação do local e do micro como pequenos e do global e do macro como grandes, ressaltando que essas variáveis vão depender da perspectiva da análise, e que as mediações e fluxos ocorrem entre a história local e a dimensão global sem uma ordem de prioridade, com as duas sendo importantes para a construção dos fluxos.

Desse modo, o micro estaria relacionado ao espaço como uma construção lógica, como por exemplo um povo, uma instituição, uma cidade, uma família, etc.; e o macro ligado aos estudos e relações com a economia e com o direito, como por exemplo, a assimetria centro x periferia, instituições econômicas como propriedade, custos de transações, etc., com a comunicação estando entre a micro e a "macrohistória", dependendo de ambas construções para se constituir como comunicação.

Já Adams (2009) afirma que os fluxos comunicacionais vão do nível micro, que seria exemplificado por uma conversa/ "fofoca" no quintal, ao macro, representado pela Internet e

sua potencialidade. Nesse sentido, os fluxos comunicacionais não têm barreiras, podendo ser uni, bi ou multidirecionais, e vão além do espaço e do tempo em uma dinâmica de deslocação e relocação.

Com isso, a Internet se coloca como a espinha dorsal dessa nova geografia, bem como os fluxos comunicacionais como globais, mas ressaltando-se que as redes de comunicação mais importantes não são as tecnológicas e provenientes da Internet, mas sim as interpessoais, que trazem a relevância das escalas global, nacional, regional e local.

É justamente por meio dessas escalas que o telejornalismo flutua, já que um conteúdo que é coberto a nível local pode ser de interesse regional, nacional ou global, dependendo de sua importância e forma de abordagem. O que vai diferenciar o modo de alcance desse conteúdo será o quanto representativo ele é para cada escala. Um problema de buraco em uma rua é muito mais importante para uma população local do que para uma nacional, enquanto um crime ambiental ou a prisão de um grande traficante possui um maior apelo a nível nacional, ampliando-se o alcance dos fluxos comunicacionais.

Assim, o âmbito local acaba tendo dois papéis na lógica da produção comercial: o primeiro é o de estabelecer a relação de pertencimento para com o telespectador e também usuário que o acompanha (independente da forma de consumo); e o segundo é o de produzir conteúdos para as emissoras de rede, fazendo com que sejam construídas narrativas que apesar de serem produzidas em âmbito local, independem da escala e já são pensadas para não guardar relações tão íntimas com o território, possibilitando que essas matérias sejam exibidas nas emissoras nacionais ou cabeças-de-rede.

Ao analisarmos essa nova configuração do telejornalismo que juntou as regiões intermediárias cobertas pela TV Integração em Minas Gerais, é possível pensarmos em algumas divergências que existem nesses vários espaços que se constituem dentro de um mesmo estado.

Cobertura da Rede Globo no estado de Minas Gerais

De modo a auxiliarmos na compreensão da escolha pelo MGTV como objeto de análise, devemos demarcar seu território no âmbito brasileiro, que é composto por 26 estados e o Distrito Federal.

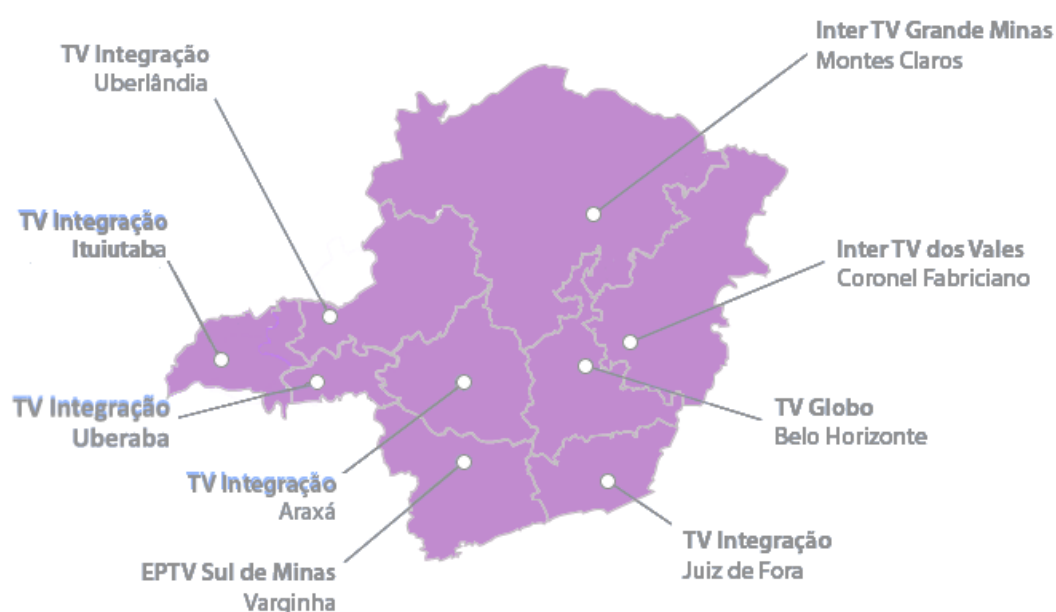
Em termos territoriais, Minas Gerais está localizada na região Sudeste do Brasil, sendo o quarto estado com a maior área territorial e quem possui o maior número de municípios (853), fazendo divisa com outros seis estados do país.

Para fazer a cobertura das regiões internas do estado, a Rede Globo de Televisão,

presente em quase todo cenário nacional, conta com três afiliadas⁴ no estado de Minas Gerais: a TV Integração, a Rede Inter TV e a EPTV⁵.

No caso da TV Integração, afiliada que abordamos no presente trabalho, a entidade é quem possui o maior número de estúdios em Minas Gerais, estando presente em Uberlândia, Uberaba, Ituiutaba, Araxá e Juiz de Fora. Essa divisão contribui para que os laços com os municípios de cada zona regional sejam mantidos e os mesmos cobertos de forma mais próxima às suas realidades e cultura– considerando que a estrutura do noticiário, os conteúdos e os comerciais, são alguns dos fatores que se caracterizam pela identidade.

Figura 1: Mapa de cobertura das afiliadas da Rede Globo em Minas Gerais



Fonte: Site Negócios Globo (2020).

O mapa acima assinala a presença das afiliadas da Rede Globo e a divisão existente no estado. A TV Integração faz a cobertura de 229 municípios, o que corresponde a uma população de quase 6 milhões de pessoas (5.994.213).

⁴ Empresas que estão subordinadas ao controle e grade de programação da Globo.

⁵ Disponível em: <https://negocios8.redeglobo.com.br/Paginas/Home.aspx>.

Tabela 1: Cobertura da TV Integração

Sede	Cobertura	Número de municípios	População
Uberlândia	Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba	27	1.450.142
Ituiutaba	Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba	21	437.568
Uberaba	Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba	13	483.142
Araxá	Oeste de Minas e Central Mineira	66	1.542.357
Juiz de Fora	Zona da Mata e Campo das Vertentes	102	2.081.004

Fonte: Site Negócios Globo (2020).

Levando em conta os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2017 (PNAD Contínua/IBGE), que aponta que 96,4% dos domicílios brasileiros possuem aparelho de TV⁶ em seus lares, consideramos que o telejornal da TV Integração é uma das principais fontes para as pessoas que residem nos municípios das regiões em questão.

No entanto, no dia 23 de março de 2020, com o avanço de Covid-19 no território brasileiro, a TV Integração uniu as suas cinco emissoras e passou a produzir um telejornal único, responsável por informar as cinco regiões coberturas pela afiliada da Globo em Minas Gerais. A mudança impactou diretamente em aspectos de identidade e representatividade, tendo vista que, com o aumento da área a ser coberta, muitos municípios passam a ter menor visibilidade e capacidade de cobertura.

⁶ PNAD Contínua - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017). Características Gerais dos Moradores 2012-2016 e Características Gerais dos Domicílios. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/a7d023687b221aafb0364f56cad94367.pdf.

As mudanças de escalas promovidas em meio à pandemia do Covid-19

O objetivo deste artigo é perceber e analisar os impactos das mudanças no telejornal em questão, tanto em âmbito local como também na perspectiva de novos fluxos comunicacionais que se estabelecem a partir dessa nova configuração dos telejornais “locais”, que agora passaram a adquirir um aspecto regional/estadual.

A estratégia adotada pela TV Integração devido ao agravamento da pandemia no Brasil foi a de unir os conteúdos de todas as suas afiliadas e produzirem duas edições do MGTV de forma a compreender toda a área de cobertura da TV Integração. A primeira edição passou a ser apresentada de Uberlândia e a segunda edição de Juiz de Fora, com matérias ligadas a todas as afiliadas e regiões próximas a elas, constituindo então um telejornal regional/estadual, em detrimento do local, que passou a estar presente juntamente com outros locais.

No entanto, as mudanças realizadas pela TV Integração marcam um momento atípico no Brasil, que é o do agravamento da pandemia de Covid-19, e ao mesmo tempo a constituição de movimento de união de afiliadas, algo inovador e ao mesmo tempo assimétrico, já que as regiões que passam a ser cobertas por esse novo modelo de telejornal “regional”, mas se revelam muito distintas entre si, se conectando apenas por estarem no mesmo estado e por fazerem parte de uma mesma rede: a TV Integração.

Mas será que mesmo com essas assimetrias e diferenças é possível fazer um telejornal regional/estadual que dê conta de mostrar uma dentre várias Minas Gerais possíveis? E de que forma esta união aproxima ou repele os cidadãos que têm no MGTV 1ª e 2ª edições⁷ suas principais fontes de informação sobre o que acontece de mais importante em sua cidade e região?

Para cumprirmos estes objetivos, tomaremos como método a Análise da Materialidade Audiovisual, proposta por Coutinho (2016), e que sugere uma investigação da linguagem audiovisual tomando todos os elementos como uma unidade “texto+som+imagem+tempo+edição”, além dos elementos para-textuais, o que proporciona uma experiência mais completa ao pesquisador.

De acordo com Coutinho (2016), a metodologia foi construída como opção para a análise do audiovisual sem que fosse necessário haver uma separação dos elementos textuais dos visuais e de toda a construção que está presente no audiovisual como os cenários, as formas que os cidadãos ou repórteres estão colocados em cena, dentre outros fatores que contribuem para a complexidade da linguagem audiovisual.

Desta forma, a autora sugere a utilização da Análise da Materialidade Audiovisual como

⁷ A primeira edição do MGTV é veiculada no horário da manhã, começando às 11h45m e a segunda edição é veiculada à noite, a partir da 19h15m.

um método capaz de compreender o audiovisual em sua totalidade. Para o desenvolvimento desta análise, Coutinho (2016) afirma que os autores devem estabelecer eixos de investigação, baseados nos problemas de pesquisa e referenciais bibliográficos que auxiliarão na investigação do objeto.

Após esse momento, sugere-se uma investigação do período de recorte em sua totalidade, identificando ou não elementos pré-estabelecidos nos eixos de análise, que nortearão toda a pesquisa e se assemelhando a uma "entrevista" do objeto, na medida em que no jornalismo o repórter entrevista a sua fonte para determinar o que é mais importante de sua fala para editar e levar ao ar nos telejornais. Da mesma forma, após o pesquisador assistir aos materiais de modo a responder a algumas questões pré-definidas, obterá a capacidade de contribuir com avanços analíticos sobre o objeto e suas nuances.

Neste sentido, utilizamos seis eixos de análise que dizem respeito às características do telejornalismo local, construídas a partir de estudos preliminares dos autores e de outros referenciais bibliográficos acerca do contexto brasileiro. São eles: 1 - elo de ligação entre o cidadão e o local; 2 - espaço de criação de identidade e de sentimento de pertença; 3 - tradutor de realidades próprias do dia a dia da população; 4 - fiscalizador e aferidor de credibilidade de informações; 5 - espaço de maior representação do pluralismo e da diversidade de um local ou região; 6 - território geográfico e social de expressão.

Por meio destes seis eixos buscaremos perscrutar quais narrativas foram produzidas pelo MGTV 1ª edição após a união das emissoras afiliadas, bem como realizamos a investigação do espaço da Zona da Mata mineira em meio a esse novo modelo de telejornal, que agora ampliaria sua escala e passaria a falar para mais "Minas Gerais", dada a diversidade cultural do estado por sua dimensão territorial.

Para isso, tomaremos como recorte de pesquisa uma semana composta da união de todas as praças da TV Integração em um mesmo telejornal, formando uma espécie de rede a partir de Uberlândia na primeira edição e em Juiz de Fora na segunda edição, sendo essas praças responsáveis pela apresentação e pela parte técnica dos telejornais.

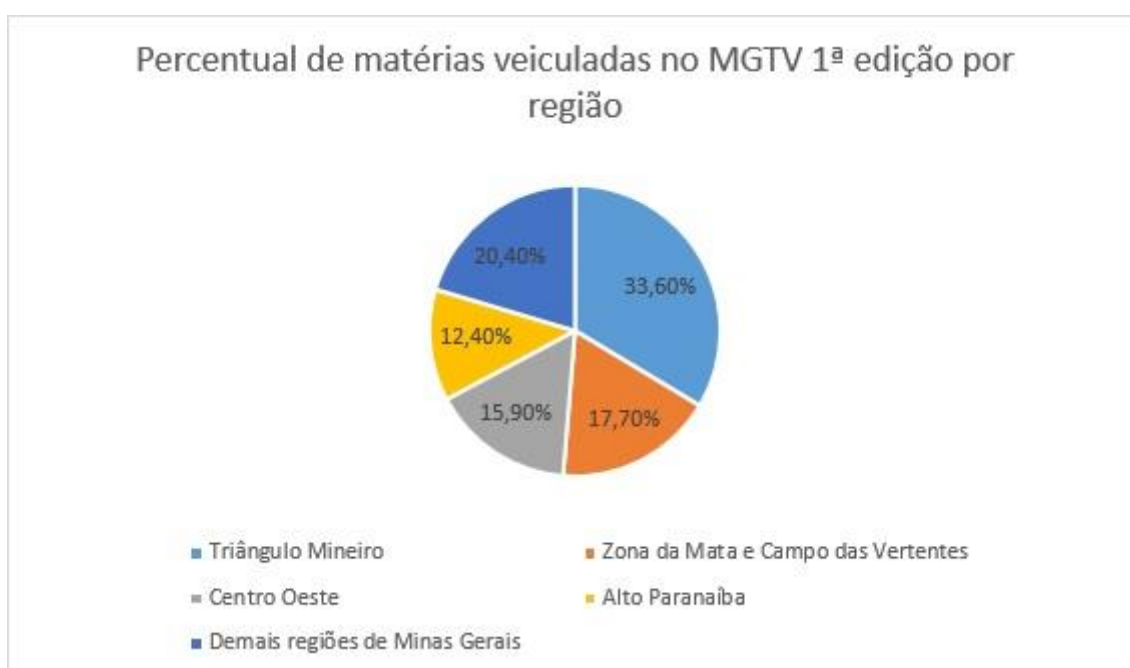
A escolha pela semana composta se justifica pela garantia de uma análise aleatória no que diz respeito aos dias de análise, já que a escolha de um período sequencial poderia incorrer em um erro metodológico no caso de ter havido alguma temática com elevado grau de noticiabilidade que poderia influenciar na construção dos telejornais. A partir disso, foram estabelecidos os seguintes dias: segunda-feira, 6 de abril; terça-feira, 14 de abril; quarta-feira, 22 de abril; quinta-feira, 30 de abril; e sexta-feira, 8 de maio de 2020.

Antes da investigação dos eixos de análise da semana composta do MGTV 1ª edição, faz-se necessário mensurar a quantidade de matérias relacionadas a cada região após essa nova configuração do modelo de produção e áreas de cobertura do telejornal.

Durante a semana composta foram analisadas 113 matérias, sendo 38 ligadas ao

Triângulo Mineiro, 20 à Zona da Mata e Campo das Vertentes, 18 ao Centro-Oeste de Minas, 14 ao Alto Paranaíba e zero matérias referentes a cidades da região Central Mineira. Além disso, outras 23 matérias foram contabilizadas como estando ligadas a outras regiões do estado de Minas Gerais, como por exemplo a notícia sobre a “Regularização dos eleitores até dia 6 de maio”, produzida na capital do estado, Belo Horizonte⁸ e os boletins sobre a Covid-19, presentes em todas as edições.

Figura 2: Percentual aproximado de matérias por cada região de cobertura da TV Integração



Fonte: Elaboração própria (2020).

A partir dessa configuração de matérias veiculadas por região, observa-se a predominância dos conteúdos provenientes do Triângulo Mineiro, com destaque para Uberlândia e Uberaba, que representam 33,6% do total de matérias; seguidos por Zona da Mata e Campo das Vertentes, com 17,7% do total; Centro-Oeste, com 15,9%; e Alto Paranaíba, 12,4%. Contudo, não foi identificado nenhum conteúdo relacionado às cidades da região Central Mineira.

Pensando na perspectiva dos fluxos comunicacionais, 79,7% das matérias são produzidas em âmbito local e com temáticas que abordam o local de produção, enquanto 20,3% trabalham temáticas de forma mais ampla e com uma perspectiva estadual ou nacional.

Passando para os eixos de análise, o primeiro deles refere-se ao “elo de ligação entre o

⁸ Matéria veiculada no dia 30 de abril de 2020.

cidadão e o local”, característica do telejornalismo local de aproximar o público e os telespectadores. A partir disso identificamos que apesar da expansão da área de cobertura do MGTV primeira edição as praças locais buscam (que representam as regiões do estado de Minas Gerais) continuaram a tentar manter vínculos com os cidadãos de suas localidades, algo que ocorre através de fontes e cenários, mas com a produção de materiais que pudessem ser representativos e interessantes para as mais diversas regiões de Minas Gerais. Este esforço resulta em matérias, como por exemplo, um vivo transmitido no dia 06 de abril, a partir de Uberlândia, intitulado “Mensalidade das escolas particulares”⁹, em que a discussão busca abordar sobre as escolas de Uberlândia, incluindo uma fonte da cidade, mas com uma tentativa de ampliar a temática para todo o estado.

Há uma tentativa, portanto, de expandir as temáticas de forma que se tornem de interesse não somente das localidades que foram realizados os vivos e/ou vídeo taipes (VTs) - onde há a possibilidade de se manter o “elo” -, mas também das demais cidades que recebem a cobertura do telejornal. No entanto, no que diz respeito ao “elo de ligação”, esse pode ser comprometido também com as cidades-sede quando relacionado ao tempo destinado de produções das matérias nessas localidades.

Se, por um lado, todas as cidades-sede da TV Integração continuaram a produzir matérias nesse novo formato e podendo manter um elo com os cidadãos daquela localidade, por outro, esse tempo se encontra mais reduzido. No que diz respeito a produção de vídeo taipes (VTs) durante os cinco dias da semana composta, por exemplo, as cidades e o percentual registrados foram: Uberlândia (28%), Juiz de Fora e Uberaba (24%), Divinópolis (8%), Araxá, Ituiutaba, Três Pontas e São João Del-Rei (4%). Portanto, se antes a população tinha um telejornal inteiro com matérias em sua maioria produzidas no próprio município e/ou no município referência da região na qual reside, agora, essas matérias são apenas uma “parcela” do telejornal, o que, por consequência, faz com que haja interferência não somente no elo de ligação, mas também no que diz respeito a identidade e representação.

O segundo eixo busca trabalhar com a questão do “espaço de criação de identidade e de sentimento de pertença”, na medida em que o telejornalismo local tem como princípio gerar identificação e ser representativo para o seu público, que passaria a se ver como parte do espaço de cobertura do telejornal.

Contudo, após análise do MGTV primeira edição, observou-se muito mais uma união de conteúdos de várias localidades que se integram em um mesmo telejornal do que a busca por produzir conteúdos que de fato sejam representativos para os vários tipos de mineiros que poderiam ser representados. Ou seja, faz com que haja a perda ainda mais do caráter de uma comunicação local/regional.

Além disso, reduzindo-se as escalas, identificou-se ainda um outro movimento que

⁹ Matéria veiculada no dia 06 de abril.

diminui o sentimento de pertença dos cidadãos para com o telejornal, já que nessa nova configuração dos telejornais, em geral apenas as cidades “cabeças de rede” ganham destaque no MGTV primeira edição, observando-se ainda entradas ao vivo dessas cidades, algo que ocorreu em 52 das 113 matérias contabilizadas durante a análise da semana composta.

As exceções às matérias veiculadas pelas principais cidades de cada região de cobertura do MGTV primeira edição ocorrem apenas quando há fatores com elevado grau de noticiabilidade, como por exemplo, a matéria intitulada “Presidente da Câmara de Lagoa Formosa está foragido”¹⁰, em formato de nota seca, ou a matéria intitulada “PM prende quadrilha especializada em roubo de carros”¹¹, que aponta para uma intersecção entre cidades de Minas Gerais e Goiás, já que a quadrilha atuava em Araporã, Tupaciguara e Ituiutaba.

A ampliação na área de cobertura fez com que cada afiliada da Integração não precisasse contar com o mesmo número de repórteres como acontecia anteriormente, dessa forma, para a realização do telejornal vem sendo feito um rodízio, de maneira que fique pelo menos um profissional nos municípios referências. Assim, em todas as edições houve a presença de pelo menos um repórter em Uberlândia, Uberaba, Juiz de Fora, Divinópolis e Araxá.

A cidade de Uberlândia, onde se localiza a principal sede da TV Integração e é apresentado o telejornal, foi a única que contou com dois repórteres em todas as edições – apenas na quarta-feira, dia 22 de abril, Juiz de Fora também teve a presença de dois. Os vivos realizados em Uberlândia representam 25% do total que foi veiculado, seguido de Juiz de Fora e Divinópolis (20%), Uberlândia e Araxá (14%), Barbacena e Patos de Minas (4%).

Um terceiro eixo de investigação trata da “tradução de realidades próprias do dia a dia da população”. Nesse panorama, observou-se que há uma busca diária do MGTV primeira edição em traduzir as diferentes realidades das principais regiões de cobertura do telejornal, ainda que a zona de cobertura dessas realidades seja prioritariamente as cidades cabeças de rede.

E em meio à pandemia de Covid-19, em que grande parte da cobertura é voltada para a temática, identificou-se nos boletins diários da situação do coronavírus no estado de Minas Gerais uma tentativa por traduzir as distintas realidades, ainda que de forma estatística, mas que acaba materializada em conteúdos como a “entrevista exclusiva com Zema”¹², Governador de Minas Gerais, e que consegue dar um panorama mais geral sobre a situação da Covid-19 no estado.

Em relação ao quarto eixo, “fiscalizador e aferidor de credibilidade de informações”, observou-se uma busca do MGTV primeira edição em trazer conteúdos checados e credíveis, utilizando-se principalmente de entrevistas com especialistas e informações provenientes de

¹⁰ Matéria veiculada no dia 22 de abril.

¹¹ Matéria veiculada no dia 30 de abril.

¹² Matéria veiculada dia 22 de abril.

fontes oficiais.

Levando em conta o momento de pandemia e o discurso da própria Rede Globo e TV Integração em âmbito local e nacional, que estava pautado na prática do isolamento social, os especialistas foram a principal alternativa para o telejornal continuar transmitindo informações de qualidade e com credibilidade, mas com uma menor participação do público para auxiliar na construção das narrativas.

Ainda sobre a fiscalização e aferição de credibilidade de informações, os boletins diários sobre o avanço da Covid-19 no estado se colocam como mais um fator de busca do MGTV primeira edição por transmitir uma informação checada junto as autoridades políticas e sanitárias, principalmente em um momento em que haviam muitas informações circulando na internet mas sem a devida checagem e verificação.

Sobre o quinto eixo de análise “espaço de maior representação do pluralismo e da diversidade de um local ou região”, há dois movimentos distintos nessa nova configuração do MGTV primeira edição “em rede”: o primeiro trata-se da ampliação natural das escalas, o que resulta em diferentes representações de distintas regiões de Minas Gerais, ampliando-se o pluralismo de vozes e a diversidade regional e de pautas, já que ampliam-se as possibilidades de produção de materiais que sejam representativos para os mineiros sob a área de cobertura da TV Integração. Por outro lado, o segundo movimento é de produção de zonas de silenciamento ainda maiores de cidades que estão inseridas nas regiões de cobertura das afiliadas da TV Integração, e que com as equipes reduzidas e menos espaço para cada região no telejornal passam a ter ainda menos espaço nesse novo modelo de MGTV. Dessa forma, esses municípios só deixam de ser invisíveis quando algo com elevado valor-notícia ocorre, como por exemplo, a matéria produzida em Três Pontas¹³, que é intitulada “prevenção no Sul de Minas: pessoas são contratadas para auxiliar população e evitar aglomerações”, em que há uma ação firme e voltada ao combate à Covid-19, e por isso ganha espaço no telejornal.

Passando por o sexto eixo de avaliação, “território geográfico e social de expressão”, observou-se uma vinculação muito forte dos conteúdos abordados com seus locais de produção. Isso ocorreu por conta das fontes, dos locais, das angulações dadas aos conteúdos, sotaques, entre outros fatores que aproximaram grande parte das matérias veiculadas aos telejornais aos seus territórios geográficos. Nesse sentido, ainda que ocorra uma tentativa em se produzir um telejornal que seja representativo para todos os mineiros que estão em áreas de cobertura da TV Integração, buscando-se, portanto, a desvinculação do território geográfico para a vinculação com um território social, capaz de gerar identidade nos vários tipos de mineiro que assistem ao MGTV 1ª edição, o que ocorreu na prática foi a união de conteúdos de diferentes locais que se aproximavam apenas na questão temática, sobretudo atrelada ao Covid-19.

¹³ Matéria veiculada no dia 14 de abril.

Considerações finais

Apoiando-se no princípio de que o jornalismo local/regional tem como um dos fundamentos a criação de laços e identidade com os espectadores, a partir da análise da nova configuração do MGTV 1ª edição, percebe-se mudanças significativas que influenciam nas características de um telejornal que possui como proposta uma comunicação aproximada. Ao ampliar a área de cobertura e reunir mais municípios e regiões intermediárias, manter-se representativo tornou-se um desafio ainda maior. Neste caso, o resultado é um jornal mais distante do seu público (que passa a ser uma junção de vários públicos em um só) e não muito distinto dos produzidos em maiores escalas.

Os dados quantitativos apontam para uma presença mais expressiva do telejornal no Triângulo Mineiro, local em que o MGTV 1ª edição é produzido (editado, apresentado e transmitido), com maior número de matérias realizadas em Uberlândia e Uberaba. Sobre a análise qualitativa e em relação aos eixos, ao averiguar as matérias veiculadas durante a semana composta, notou-se impactos que podem refletir nos espectadores das cidades-sedes e, principalmente, nos que residem nos demais municípios. Em relação ao primeiro caso, diz respeito ao tempo; o segundo à presença – algo que agrava ainda mais em relação às características do telejornalismo local/regional e nesse caso é consequente do tempo.

Para a realização do telejornal, as informações são passadas principalmente através das cidades-sedes e, em cada edição, pelo menos um repórter se faz presente nessas cidades para realizar os vivos. Do mesmo modo acontece com os VTs, produzidos em sua maioria nessas mesmas localidades. Percebe-se, portanto, que em relação a essas cidades especificamente – principalmente Uberlândia, onde é apresentado o telejornal –, há matérias que conseguem manter um elo entre o cidadão e o local (eixo 1) e também apresentam elementos que ligam o local de produção com o tema em pauta (eixo 6), mas à medida em que há essa “divisão” com outras regiões intermediárias, há influência na frequência e isso reflete no telejornal como um todo.

Se essa união de conteúdos faz com que as cidades-sede da Integração tenham seus espaços comprometidos ao terem que dividir a grade do mesmo telejornal, logo, como consequência, os demais municípios tornam-se ainda mais ausentes. Ou seja, passam a precisar de um conjunto maior de valores-notícias para ter espaço no atual noticiário que é mais amplo, o que vai ocorrer em exemplos como as matérias “Prevenção no Sul de Minas: pessoas são contratadas para auxiliar população e evitar aglomerações”¹⁴, que é produzida em Três Pontas e “Presidente da Câmara de Lagoa Formosa está foragido”, que entra no espelho do telejornal pelo seu elevado grau de noticiabilidade, ainda que em nota seca, já que não houve o deslocamento de equipe para o local.

¹⁴ Matéria veiculada no dia 14 de abril de 2020.

Além disso, a pandemia de Covid-19 fez com que houvesse mudanças em diversas áreas da sociedade, e com o jornalismo não foi diferente. Mesmo sendo decretada como atividade essencial ao enfrentamento à pandemia¹⁵, medidas de segurança foram intensificadas e isso influenciou também no trabalho dos profissionais da imprensa que precisaram se adaptar a uma nova realidade, seja para apuração de informações, realização de entrevistas e produções de matérias. No caso da TV Integração, houve também redução no número de profissionais e optou-se pelo revezamento de equipes.

No entanto, ao levar em conta que “informação salva vidas” e que num cenário pandêmico isso se intensifica, faz-se necessário esse olhar para as informações e suas “direções”. Tendo em vista que a pandemia pode ter desdobramentos diferentes em cada localidade, foi através dos boletins realizados sobre os números de casos e óbitos em decorrência da Covid-19 em cada edição, que o MGTV buscou uma maneira de “adentrar” em outras localidades.

Por fim, na perspectiva dos fluxos comunicacionais que se estabelecem após essa mudança do MG1 do caráter local para o caráter regional, observa-se uma perda ainda maior de identidade e de representatividade dos cidadãos, já que a tentativa de criar conteúdos que sejam capazes de conversar com realidades e culturais tão distintas, ainda que conectadas pelo estereótipo de “mineiridade”, não se comprova efetiva no ponto de vista de desenvolver um telejornal capaz de dialogar com as várias “Minas Gerais” que passam a serem cobertas pelo telejornal MGTV 1ª edição.

Desta maneira, conclui-se que o telejornal perdeu em partes sua perspectiva de construção de laços sociais e de proximidade para com o seu público, já que a mudança do âmbito local para o regional reduziu a cobertura de narrativas cotidianas presentes em cada uma dessas regiões, dando lugar a conteúdos mais gerais e que abarcassem a uma camada maior da população mineira, mas com uma menor capacidade de afetação e de gerar identificação e representação do telespectador que antes tinha nos telejornais locais seu principal veículo de comunicação para se informar sobre o que de maior importante estava ocorrendo próximo à sua realidade.

Biibliografia

Adams, P. (2009). *Geographies of Media and Communication*. United Kingdom: John Wiley & Sons Ltd.

Assis, F. (2013). Por uma geografia da produção jornalística: a imprensa do interior. In XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Manaus, AM. *Anais eletrônicos*. Manaus: Intercom, 2013. <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0810-2.pdf>

¹⁵ Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/decreto-n-10.288-de-22-de-marco-de-2020-249098577>.

Camponez, C. (2002). *Jornalismo de Proximidade – Rituais de Comunicação na Imprensa Regional*. Coimbra: Minerva Coimbra.

Coutinho, I. & Emerim, C. (2019). Lugares, espaços, telas e reconhecimento: O local do telejornalismo na contemporaneidade. In Iluska Coutinho & Cárilda Emerim (orgs.), *Telejornalismo Local: teorias, conceitos e reflexões* (pp. 23-40). Florianópolis: Insular.

Coutinho, I. (2016). O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade: A análise da materialidade audiovisual como método possível. In XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, São Paulo. *Anais eletrônicos*. São Paulo: Intercom, 2016.

<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-3118-1.pdf>.

Fernandes, C. (2010). *Telejornalismo regional: uma análise dos critérios de noticiabilidade utilizados no Jornal 53 diante da contribuição organizacional e social*. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. <http://www.bocc.ubi.pt/pag/fernandes-carolina-telejornalismo-regional.pdf>.

Garcia, X. L. (2002). Repensar o jornalismo de proximidade para fixar os media locais na sociedade glocal. *Comunicação e Sociedade* 4, pp. 199-206.

Martín-Barbero, J. (2004). *Ofício de Cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Editora Loyola.

Peruzzo, C. M. K. (2005). Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. *Comunicação & Sociedade* 43, pp. 67-84.

Torre, A. (2018). Micro/macro: ¿local/global? El problema de la localidad en una historia espacializada. *Historia Crítica* 69, pp. 37-67.

Vizeu, A. & Cerqueira, L. (2019). O “lugar de referência” do telejornalismo local: o papel dos saberes, dos dispositivos didáticos e da temporalidade. In Iluska Coutinho & Cárilda Emerim (orgs.), *Telejornalismo Local: teorias, conceitos e reflexões* (pp. 41-60). Florianópolis: Insular.